ILUSTRAÇÃO



1.º ANO - Número 2

Lisboa, 16 de Janeiro de 1926

PREÇO 4800



DEPOSITARIOS GERAES

Á VENDA EM TODAS AS GARAGES DO PAÍS

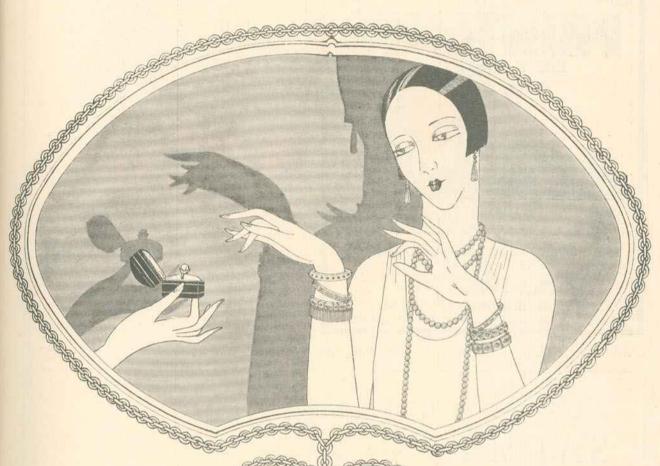
GUILHERME GRAHAM JUNIOR & C.A GUILHERME JOÃO GRAHAM & C.A Rua dos Fanqueiros, 7, 1.º

LISBOA

Rua dos Clerigos, 6 PORTO

ILUSTRAÇÃO

JOALHARIA DO CARMO

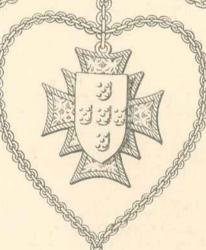


JOIAS

E

PRATAS

ARTISTICAS



PRESENTES

PARA

ANIVERSARIOS

CASAMENTOS

SEDE NO PORTO

RUA 31 DE JANEIRO, 53 RUA DO CARMO, 87-B

TELE { GRAMAS : AUREARTE

FILIAL EM LISBOA



RALEIGH

A MELHOR E MAIS PERFEITA

MOTOCICLETA

Para entrega imediata, modelos 2 1/1 e 2 3/4 HP.

Stock Michelin para automovel, moto e BICI-CLETA

ARMANDO CRESPO & C.A

Automoveis, Motocicletas e BICICLETAS

116, R. do Crucifixo, 124 — LISBOA

AUTOMOVEIS SALMSON

SALMSON 7 HP.

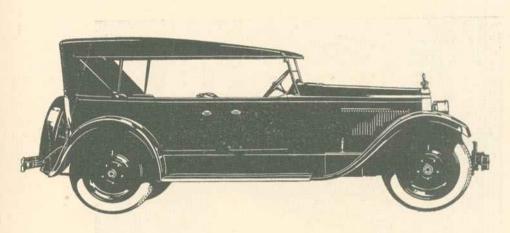
Com travões ás 4 rodas e consumindo 6 litros de gazolina e 100 gramas de oleo aos 100 quilómetros

É O AUTOMOVEL QUE PROCURAIS — Preço: 19.000 Francos e 29 Libras

4 logares muito confortaveis, chassis reforçado com magnifica suspensão, motor energico garantindo médias excelentes com o máximo de economia. O SALMSON 7 HP., é o automovel ideal do turismo e representa a economia aliada á comodidade

Vendas a prestações— Pedir catalogos e condições aos únicos concessionários para Portugal e Colónias

ARMANDO CRESPO & C.^-Rua do Crucifixo, 118 a 124-LISBOA



O AUTOMOVEL PREFERIDO DOS CONHECEDORES

Packard,

SALÃO D'EXPOSIÇÃO

4. Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

OREY ANTUNES & C.A, L.DA

LISBOA PORTO



PODE-SE LAVAR PODE-SE ESFREGAR À

VONTADE que a brilhante e bela superficie alcançada pela aplicação do ROBBIALAC não fica estragada, pois é êste o esmalte ideal para todos os trabalhos, tanto nos automóveis, como em decorações interiores e exteriores. O ROBBIALAC escorre tão suave e por igual que se espalha sem mostrar vistigio algum da brocha. Secando, torna-se semelhante à porcelana aparentando uma superficie sem póros que resiste inalterável a acção destruidora da poeira e da sujidade. O ROBBIALAC é fornecido em branco e em tôdas as côres usuais, seja com brilho ou fôscas.

PODE-SE OBTER NOS SEGUINTES DEPÓSITOS:

J. G. RUGERONI - 67, Rocio, Lisbon (Distrito) CANTO, L.da - Praça da Republica, 9, 11, Com-BRA (Distrito)

J. P. DE MATOS - Leiria (Distrito) TULIO RITA FERRO - BEJA (Distrito) AUTO OMNIA, LIMITADA - Praça da Liberdade, 23, Porto (Distrito)

Residentes em outros distritos derem dirigir-se a: H. MITCHELL, L.da - 26, Travessa da Ribeira Nova, 1.0, LISBOA

AUTOMOVEIS

CAMIONS



MORRIS-COWLEY

MORRIS-OXFORD MORRIS-LEON BOLLEE

O MAIOR SUCESSO DA FABRICAÇÃO INGLEZA

Maravilhosas provas de resistencia nas nossas estradas. Todos os aperfeiçoamentos modernos.

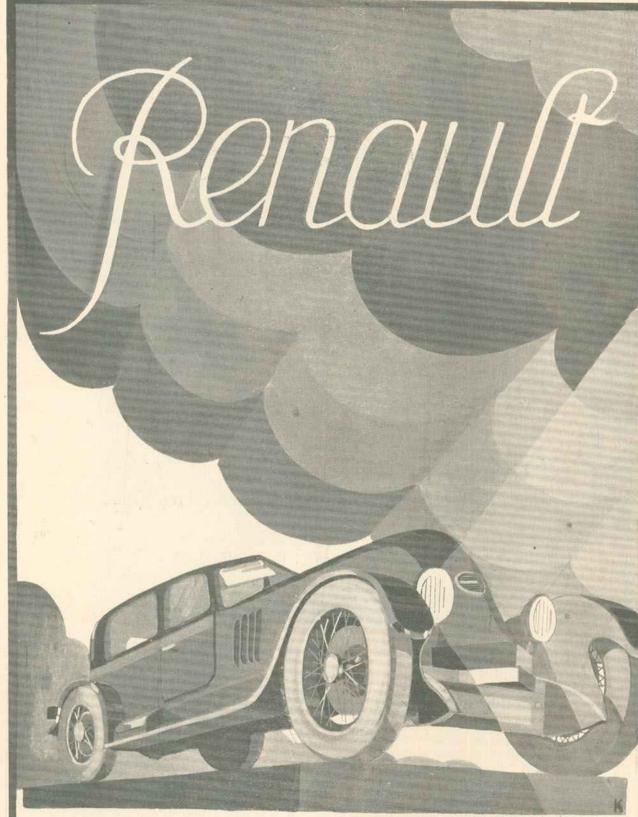
A CHEGAR MODELOS DE 1926

Carro pequeno com as qualidades e aperfeiçoamentos do carro grande. - Todos os acessorios dos melhores fabricantes inglezes. — Instalação electrica Lucas (usada pelo Rolls-Royce). - 4 tipos de chassis - 11 tipos de carrosserie.

AGENTES EXCLUSIVOS

PORTUGAL E COLONIAS A. M. ALMEIDA LIMITADA

Rua da Escola Politecnica, 37-A, 37-B — LISBOA



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, L.DA A U T O - P A L A C E

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

Agentes exclusivos:

DION BOUTON, ISOTTA FRASCHINI, HUDSON e ESSEX

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRÊSA DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24 Lisbon

ANO 1.º - NÚMERO 2

ILUSTRAÇÃC

Direcção, Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.DA

PUBLICAÇÃO QUINZENZAL

16 DE JANEIRO DE 1926



Assistência ao Te-Deum celebrado na Sé de Lisboa, em acção de graças pela inanidade do atentado do quo foi alvo o Palácio Patriarcal, Sua Eminência, o Sr. Patriarca, saindo do templo

Em Purtogal, como sucede em França, madre da democracia, os exageros demagógicos da primeira hora vão cedendo o passo a um inteligente espírito de tolerância, O Estado e a Igreja, por consequência, muntendo a sua mútua independência, aproximam-se e reverenciam-se. Para comemorar a sua saugração de bispo sin-purtibuse de Heractea, mgr. Nicotra ofer-cea no palácio da Nunciatera um almoço ao corpo diplomático, a que presidia a Se, Ministro dos Estrangeiross, Dr. Vasco Borges.

UINZEN

um sr. deputado, usando libérrimamente dos direitos que lhe confere o seu mandato, se atirou ao Banco de Portugal com fúria destruidora.

É o Banco de Portugal, como tôda a gente sabe, por definição do seu Estatuto, o banqueiro do Estado e a caixa geral do tesouro na Metrópole. Tem êste Banco a faculdade exclusiva de emitir notas, com curso legal, pagáveis a vista e ao portador, e representativas de moeda de ouro e prata. Enquanto durar êste exclusivo o Estado não poderá conceder a nenhum Banco ou outra instituição a faculdade de emitir notas.

Sendo o direito de cunhar moeda e emitir papel, representativo de espécies metálicas, um sinal de soberania, compreende-se o que ha de grave no crime dos moedeiros falsos, chamando assim a todos os que, por sua conta, e sempre clandestinamente, usurpam êste direito, quer fabriquem, pondo-as em circulação, peças de meio escudo, quer estampem, introduzindo-as no giro comercial, notas de meio conto. É dificil estabelecer uma gradação nos crimes contra a soberania da Nação, podendo dizer-se que o menos grave de todos êles merece ser punido com as mais severas penas inscritas na legislação respectiva.

Considerada sob êste aspecto, e independentemente dos prejuizos materiais que dela resultem, a burla do Angola e Metrópole é dos factos mais graves que se registam, até agora, nos anais do crime, em Portugal. A seguir às notas de quinhentos escudos, falsas, irremediavelmente falsas, embora tenham as características físicas das notas verdadeiras, viriam as notas do valor de um conto, igualmente falsas, e com todo êste dinheiro falso os comperes do Angola e Metropole instalar-se-iam na vida econômica e financeira do País, não como um Estado dentro do Estado, mas como uma oligarquia que absorveu o Estado, não tardando em dar ao seu latrocinio uma base legal e uma expressão juridica. Depois viria a consagração do feito, digno do Homero... de Lencastre, erguendo-se uma estátua ao Deus Mercúrio, que é o patrono dos ladrões, na mais bela e mais ampla praça de Lisboa, o Terreiro do Paço.

O descrédito, e consequente falência, dum Banco ordinário só afecta os que, em deposito, ou por compra de acções, lhe confiaram o seu dinheiro. Uma crise bancaria como foi a de 1876 pode lesar a economia nacional pelo volume de interesses particulares que afecta, mas não compromete o crédito do Estado, embora dessa crise resultem graves embaraços para o Tesouro.

Mas se o Banco Emissor se desacreditar, deixando de merecer a confiança do público, é o Estado que abre falência; a fortuna pública e as fortunas particulares cairão na voragem, a miséria de todos juntando-se a deshonra da Nação, que dificilmente, e pelo seu proprio esforço, se erguerá dos escombros, vitima duma administração inepta ou criminosa, mais geralmente criminosa e inepta ao mesmo tempo.

Porque se aceitam e guardam as notas do Banco Emissor?

Porque essa notas são garantidas pelo Estado;

o público sabe que elas valem aquilo que re- e um governo que não fosse o nosso teria declapresentam; que são o instrumento dum compromisso que o Estado tomou, e que consiste em dar por elas, restabelecida a normalidade da situação financeira e monetária, o dinheiro que elas representam, ouro ou prata.

Pois bem; se o Banco de Portugal cai em EABRIU o Parlamento, e logo de entrada descrédito, fazendo-se pregão da sua incompetência, o que seria grave, e da sua deshonestidade, o que seria mais grave ainda, a catástrofe produz-se, e a catástrofe, em casos desta natureza, chama-se bancarrota. Os nacionais, vendo perdidos os seus valores, lançar-se-iam em movimentos desordenados de protesto, que longe de minorarem o mal, o tornariam maior, e o estrangeiro abster-se-ia de operações comerciais com um Estado bancarroteiro, o que reduziria a quasi nada a nossa vida de relações.

Descobriu-se a burla do Angola e Metrópole, a respeito da qual se ordenaram investigações policiais, e por milagre foram presos, mantendo--se essas prisões, dois ou três dos personagens que mais se evidenciaram na organização dessa formidavel maquina de trapaças e roubos. Mas a breve trecho aparece o Banco de Portugal indigitado como autor ou cúmplice no crime do Angola e Metrópole, quasi afirmando a Polícia que Reis e Bandeira, embora culpadosse è que o eram!-não tinham as culpas graves. do governador e vice-governador do Banco Emissor, presos com tal desembaraço e falta de cerimónias como se de vulgares bandidos se tratasse.

Consentiu-se que um agente da autoridade, um magistrado em serviço de policia, fizesse ao Banco Emissor as mais graves acusações, indo até ao extremo de afirmar que uma quadrilha organizada para roubar a Nação tinha ali os seus mais categorisados chefes, e manteve-se êsse magistrado em funções, sendo-lhe até, em decreto, reitirada a confiança do govêrno, que ao mesmo tempo, e sem decreto, mantinha a sua confiança no Govêrno do Banco!

Via-se claramente que havia uma campanha contra o Banco de Portugal, e como se meras afirmações tivessem o valor de provas, deixou--se fazer essa campanha na mais completa liberdade.

Manteve-se a confiança do público no Banco Emissor, mercê duma velha tradição de honradez, nunca desmentida, e graças a qual êle é considerado como um dos mais sérios Bancos da Europa.

Foi então que no Parlamento se ergueu uma vos inflamada, gritando os crimes sem nome do Banco de Portugal, o Banco dos Bancos, verdadeiramente Banco do Estado enquanto vigorar o seu contrato.

Mirabile dictu! Essa vós inflamada e trovejante, foi a dum administrador da Caixa Geral dos Depositos, instituição de crédito que nem por gosar presentemente de autonomia administrativa e financeira deixa de ser um estabelecimento do Estado!

Dir-se há que não foi como administrador da Caixa que o referido deputado atacou o Banco de Portugal, terminando o seu discurso por chamar aos seus administradores falsários e ladrões.

Sabemos isso muito bem; mas entendemos que o artigo 15 da Constituição, lei geral, tem de ser interpretado restritivamente, limitado o seu alcance por lei especial. Não acreditamos que em qualquer outro Parlamento fôsse possivel fazer-se o que se fez em S. Bento, na sessão de segunda-feira passada. Outra Câmara que não fôsse a nossa não teria admitidoo negócio urgente,

rado, invocando os superiores interesses da Nação, que constituem uma rasão do Estado, que iria a Belem pedir a sua demissão se o negócio urgente fôsse admitido.

Seria mostrar receio de ouvir a exposição de factos graves, de faltas previstas no código penal, atribuidas ao governo e administração do Banco Emissor....

Não seria tal.

Uma nota de interpelação enviada para a Mesa, substituiria o negócio urgente, com a vantagem de permitir que a respectiva discussão se iniciasse, se o govêrno entendesse que ela devia fazer-se, quando todos estivessem devidamente preparados, - o maior número para ouvir, e alguns para falarem.

A solidez, a firmeza de crédito do Banco ainda desta vês não sofreu abalo, mas o Parlamento criou um mau precedente, que so tem a vantagem de chamar a atenção de todos para a necessidade de se adoptar uma lei de incompatibilidades, em vão reclamada, durante longos anos, na vigência da Monarquia, repetidas vezes prometida na vigência da República.

Disse o poeta, e vale a pena reflectir sôbre o alto pensamento que encerram as suas palavras:

Quelques crimes toujours précedent les grands crimes.

Não haverá, em relação ao caso do Angola e Metrópole, na administração do nosso pais, nos desregrados costumes da nossa vida pública, factos que o expliquem, sem de forma alguma o justificarem?

A nossa politica tem sido estupidamente empirica, suspeitosamente equivoca e em mais dum lance fácil e condescendente a respeito de actos manifestamente condenaveis e de pessoas inegavelmente criminosas.

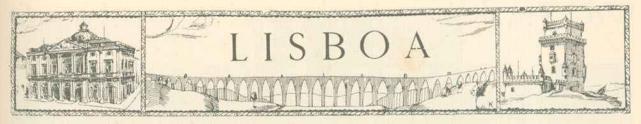
Criou-se uma atmosfera de baixa moralidade, singularmente propicia à fermentação de todos os vícios e crimes, no meio social em que os méritos verdadeiros, as superiores qualidades de inteligência, de saber e de carácter, não garantem o exito na concorrência às situações de mais largos proveitos ou de maior distinção e honorabilidade.

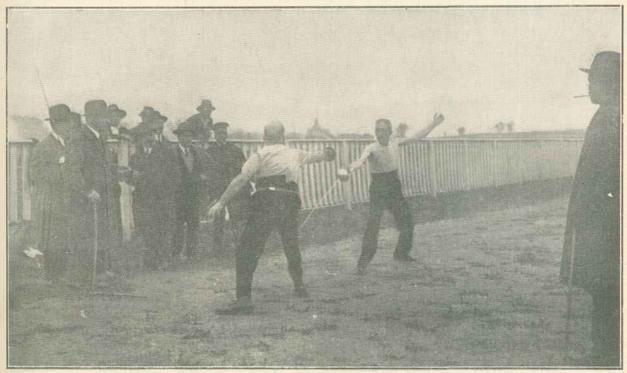
Momentos há em que uma Nação, para não morrer, precisa tomar resoluções herôicas, e nos, quer-me parecer, estamos num desses momentos culminantes da História.

Вигто Самасно.

AOS NOSSOS LEITORES

A Ilustração regista e agradece o êxito que o público e a imprensa lhe facultaram e que excedeu muito a mais ambiciosa espectativa. Não ficou, todavia, a Hustração satisfeita consigo propria. Deficiências de fabrico no papel nacional empregado trairam o nosso propósito de revesti-la da maior perfeição gráfica, traindo também os esforços do quadro tipográfico da Tipografia do Anuário Comercial, justamente considerado entre os melhores. Porem, logo que tenhamos o papel estrangeiro já encomendado, essa falha será por inteiro eliminada. Compromisso tomamos também de ir sucessivamente melhorando, em todos os seus aspectos, a revista, de modo a torná-la tão completa como o que de mais perfeito além-fronteiras se produz no





Contra a Igreja e a lei, o anacrónico ducto mantém-se a derimir questões de honra. Supondo ofensivas para a sua pessoa cettas palaveas profetidas numa sessão camarária de Lisboa pelo sr. Dr. Bela da Silva, quando se debatia o conflito entre a Cámara e a Compunha do Gás e Electricidade, o director desta, sr. Dr. António Centeno enviou áquele as suas testemanhas. Assente e travado o combate, i de sepada francesa, o tustre edil caiu, morto, no campo da honra, não por golpe do adversario mas por sincepe cardiaca que o acometea. Este desfecho trágico originou gera e profunda comoção.



Assistência ao banquete oferecido pelo sr. Ministro da Instrução, de homenagem aos representantes das Universidades estrangeiras que tomaram parte na comemoração do 1.º equienário da «Régia Escola de Cirurgia»

ONATAL

DOS

POBRES

Sob a égide da Rainha esmoler e milagrosa, que convertia as rósas em pão, pelo que se denomina «Obra da Rainha Santa Isabels, existe na freguesia lisbuenese deste nome una instituição benemeratte de que fazem parte as seguintes senhoras, culo grupo aqui publicado compreende a direcção e algumas associadas: Sentidadas — Da esquierda pura a diretta D. Alice Monteverde, D. Maria Lulza Lemos Moller, D. Maria Francisca de Mencaes, D. Maria Manuela Vieira de Campos e D. Julia Delpiano, par e de Campos e D. Julia Delpiano, par e Vilhena, D. Georgina Cunha, D. Maria de Melo e Castro, D. Maria Nuzare Vilhena, D. Georgina Cunha, D. Mariama Moniteverde, D. Maria Henriqueta Soares, D. Geoilia-Lopes, D. Maria Jose Pancada, D. Maria Malec Lopes, D. Belmira Pancada, D. Maria Malec Lopes, D. Belmira Pancada, D. Maria Margarida Rogecho jD. Eugenia Rogocho.





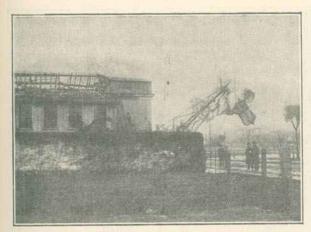




Aspectos da distribuição dos óbulos na festa que a mesma colectividade de assistência a pobreza promoveu pelo Natal. Na gravura da direita des-tança e a sr.º D. Maria Isabel Campos Herriques, dama da nossa primeira acciedade, entregando o pão às velhinhas.

Grupo das senhoras caritativas que formam a comissão dirigente da Sópa dos Pobres da fregue-sla de S. Sebastião da Pedraira.

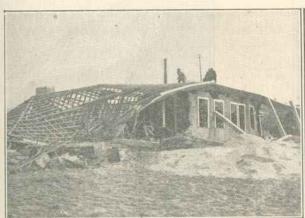
O CICLONE EM ESPINHO



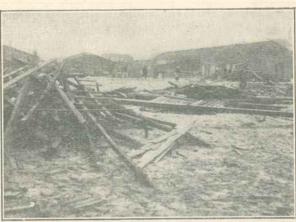
A «Vita Manuela», no campo da feira, que foi uma das propriedades mais flageladas pela tempestade



Com a assombrosa fúria do vento, um barco veiu pelo ar encravar-se na parede doma casa do bairro piscatório



O que resta da casa do Sporting-Club de Espinho, no seu campo de jugo?



Um triste aspecto de como ficou o bairro em que os pescadores tinham!, os seus frágeis lates



Ruinas ida fábrica de conservas ida tirma il orgos Lima & Correia, L., também um dos prédios mais vitimados



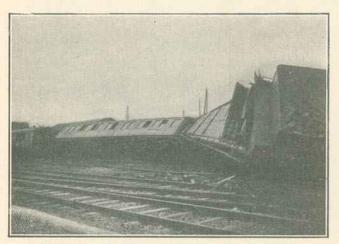
S. Fx.* o Sr. Presidente das República, que visitou a vita-mártir, saindo, acompanhado do ministro da Instrução Pública, sr. dr. Santos Silva, da séde dos Bombeiros Voluntários de Espinho.

ESTRANGEIRO





Câ e là... man tempo há. A tempestado fustiga tôda a Europa, Os rios trasbordam e velhas árvores são arrancadas pela água. A direita, é um automóvel vilima de inundações, não escapou êste ano: a gravura da esquerda mostra a "Dert tralant, uma das suas curiosas ilhas, fovadida pela água. A direita, é um automóvel que foi esmagado, em Boulogne sur-Seine, por um álamo que o vento apateu.



Acidentes repetidos : são "o" tributo dum intenso itráfego ferro-viário. No, descarrilemento do expresso de Bálo-a-Noisy-le-sec, muitos vagoes ficaram convertidos num confuso montao de destrocos, sem nada que evoque a nervosa ligeireza da sua murcha!



Paris deu-se ao capricho de realizar na Saia Wagram, uma exposição-de câes de luxo. Bébépaão hesitou em levar la os seus dois melhores amigos, na mira de um prêmio.

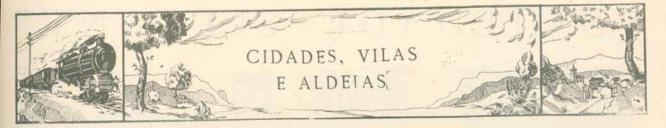




A neve polvilhou o Jardim de Laxemburgo, o belo iardim para onde Rousseau ia ler Vergilio e que os estudantes e as midiacties preferem para os seusjarrulhos.

Como se o doce fantasma da rainha que o mandou gizar ali voltasse, um reçagante manto de arminho cobriu o arvoredo e a fonte Médicis, que se vê na gravura da direita.

O Jardim tomou, tocado pela neve, um aspecto irreal.

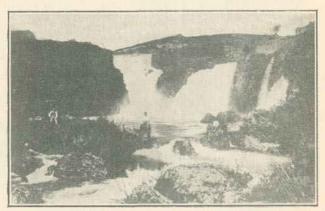




tais da cidade, cuasou, todavia, enormes prejuizos ma-teriais. Naqueles montões de corres-pondência transformada em cinza. alêm de muitos valores inutilizados, quantas juras vec-mentes, quantas ex-pressões de carinho. quancas frases de incontida ternura, que a época festiva mais afervorava, deixaram de ir a seu destino, deso-lando os corações que ansiosamente as esperavam?!

As nossas foto-

grafias represen-tam, uma o prédio devorado pelas chamas, a outra os crabalhos do rescaldo do incêndio.



SANTARÉM

A QUEDA DE ÁGUA DA CORREDOIRA O TÚMULO DE D. DUARTE DE MENEZES

Alviela, afluente do Tejo e bom amigo

COLMBRAG dos lishoetas, nasce ao norte de Pernes, num sitio encantador e ameno. Se Garrett O INCÉNDIO DO EDIFICIO TELÉGRALO-POSTAL tivesse algum dia alongado os passos até lá, teria sido mais parcimonioso nos elogios que entornou sôbre o Vale de Santarém, guardando os melhores para êsse ventadeiro paraiso que é a Quinta dos Olhos de Água ou do Alviela, doce Coimbra, engrinaldada de poesta e lenda, noiva do Mondego e noiva tam-bém um pouco de nos todos—uns que la nos doutoramos e outros que não passamos da as-piração de fazê-lo—foi atingida, na noite em pertença da Companhia das Águas. Ao norte, a serra penhascosa e bravia, de vegetação selvá-tica e, na base dêsses enormes penhascos, em que a água, numa canseira milenária, tem que o ano velho e o ano novo cruzaram cami-nhos, por mais um grande incêndio, dos muitos com que tem sido flagelada nos tempos últimos. operado as mais bizarras obras de escultura, espraia-se o lindo lençol limpido, fresquis-simo, espadanando na vestimenta verde-escura Em vez de lhe iluminar o cêu, estrelado de todos os sonhos de amor dos seus estudantes boêdos os sonhos de amor dos seus estudantes obe-mios e das suas lindas tricanas, um clarão de branca pureza que lhe alviçarasse só venturas no ano em início, espadamou por tôda ela cisse clarão vermelho que só podia ser núncio de des-graça e de destruição. Mas desta vez, felizmen-te, não houve vidas humanas a lamentar. O si-nistro, que destruita o vasto edificio em que, ha o apos funcionayam os serviços telegrafo-pado musgo com que as pedras se ataviam. Daqui parte o rio, entre veigas admiráveis para a cultura e terrenos agrestes, ora sob velários arboreos, ora em plena e gloriosa luz, até que, perto da vila de Pernes, no sitio denominado a Corredoira, se despenha de uma altura de 14 metros, produzindo agora no inverno um ruido 40 anos, funcionavam os serviços telégrafo-pos-

> ressantes, visite de futuro Santarém inscreva no roteiro êste delicioso passeio, a dois passos da cidade e aonde, pela sua imponência rústica, para lhe fazer esquecer outros que, embora também formosos, andam com menos razão nas tubas da

No Museu Arqueológico de Santarém, inscalado no antigo templo de S. João de Alporão,

existe uma das mais preciosas reliquias da es-cultura tumular. Essa joia de pedra é um sarcofago manuelino, que apenas guarda um dente de D. Duarte de Menezes, conde de Viana, morto em Benacofu, em frica, às mãos dos mouros. Nada mais podendo obter dos seus despojos, com Secus pous, tarse de contentarses D. Isabel de êsse pouco teve de contentar-se D. Isabel de Castro, sua espôsa, para conteúdo do sumpruoso túmulo com que quis honrar a memoria dum dos mais aguerridos cavaleiros da nossa grei.

Conforme se vê na gravura que dêle publica-mos, o monumento, compõe-se de um sistema ogi-val de finassimo lavor, três baldaquinos ou sobre-ceus abrigando outras tantas imagens e a tampa, ceus aoriganao durras tantas imagens e a tampa, onde está esculpida a figura jucente do heroi, de espada nua na mão, ainda sonhando com ardor dos combates, e coroado de flores, Erigido na faustosa capela do convento de

S. Francisco, transformado sacrilegamente ha anos em dependência de quartel, foi a tempo que pessons de gôsto artístico acudiram mover o magnificente sarcólago para o Museu





SOCIEDADE ELEGANTE



A EX. MB SENHORA D. HELENA DA SILVEIRA DE VASCONCELOS E SOUSA, FILHA DOS SENHORES MARQUESES DE CASTELO-MELHOR, QUE NO DIA 16 DE JANEIRO DESPOSARÁ NA CAPELA DO PALACIO DA ROSA, A S. LOURENÇO, O PRINCIPE ROBERTO DE BROGLIE, FILHO DOS PRINCIPES AMADÉE DE BROGLIE

FESTA DE CARIDADE

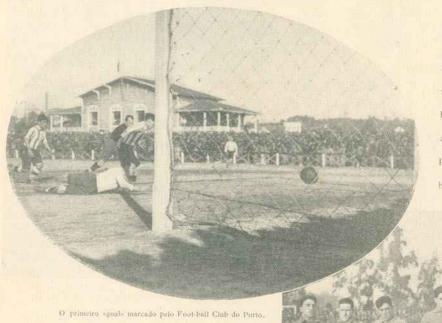


D. Maria Isabel Roque de Pinho (Alto Mearin), D. Maria João Zarco da Câmara (Ribeira Grande), D. Maria Amelia de Abreu Saraiva, D. Sofia de Lancastre (Louză), D. Leonor Correa de Să (Asseca) e D. Maria Eugenia de Orey Correa de Sampaio (Castelo Novo), gentilissimas senhoras que promoveram na noite de z de janeiro um buile de caridade nos saióes do Avenida Palace Hotel



A assistência... entre dois tangos

DESPORTOS



Club de Portugal foi tambêm muito interessante e jogado sempre com a maior lealdade,

A seguir publicamos os resultados dos diferentes encontros realisados em Lisboa e S tubal:

Helsinghorg e Sporting empataram por 2 a 2 goals.

Helsinghorg venceu Sport de Lisboa e Benfica por 4 goals a t.

Helsingborg venceu Vitória por 6 goals a 3.

Helsingborg venceu Foot-ball Club do Porto por 4 goals a 3.

Sport de Lisboa e Benfica venceu Helsingborg por 3 goals a r.

FOOT-BALL

A visita do Helsingborg, campeão da Suécia constituía um verdadeiro sucesso. Os jogadores succos são os mais correctos e leais jogadores que nos têm visitado.

O desafio que jogaram contra o Campeão de Portugal Foothall Club do Porto foi dos melhores a que temos assistido nestes ultimos tempos.

O campeão nacional fez uma magnifica exibição demonstrando possuir uma grande têcnica e jogando sempre com grande energia e notável correcção.

O desafio dos suecos contra o Campeão de Lisboa Sporting



NO grupo do Foot-Ball Club do Porto Campeão Nacional



Grupo de jogadores de shockeys que jogaram no dia q no campo das Larangeiras.

AUTOMOBILISMO

O salão de Bruxelas de 1925 foi magnifico.

A éle concorreram as principais casas construtoras francesas, belgas, italianas, inglesas e americanas.

O major número de expositores pertenceu à França, seguindo-se-lhe a América, que expôs car-ros muito bem construidos, notando-se grandes progressos quanto à qualidade e apresentação.

RUGBY

linhas, tendo recebido dos seus adversários uma



Aspecto do salão de Bruxelas

Pode-se dizer duma maneira geral que as tendências gerais da construção para 1926 são as seguintes:

Motores de quatro cilindros com uma cilindragem de 1500 cm. aproximadamente, veios de «cames» por baixo, valvulas laterais, bloco motor com «embrayage» dum só disco e 4 veloci-dades.

A transmissão faz-se em geral por impulsão

central e as molas são inteiras nas quatro rodas. Esboça-se uma tendência para os carros de seis cilindros com pequena potência e uma ci-lind agem de 150c a 1800 cm.

stes carros possuindo uma maior regularidade ciclica, terão um maior equilibrio sendo também mais silenciosos e agradaveis de guiar.

Isto quanto aos carros baratos de grande uti-

Para os carros de luxo é mais difícil apresentar as linhas gerais da construção pois que cada construtor tem as suas preferências bem defi-

Tanto nos motores como nos chassis, em-bravages, suspensão, etc. existem grandes divergências, mas para esta categoria de carros de luxo as tendências mecânicas da construção

de lixo as tendencias mecanicas da consciução têm menos importância que nos carros de tipo util de 5, 6, 8, 10 C. V.

Evidentemente que para êstes últimos se devem procurar as soluções que venham a dar maior resultado para o futuro.

Quem compra hoje um carro deve pensar que um dia o terá de revender e deverá então fixar maior que mai a sua escolha sobre aquele que esteja mais con-forme as tendências da construção de hoje, isto e, sobre um carro que daqui a uns 2 ou 3 anos não esteja já fora de moda.

TAÇA DO NATAL DE NATAÇÃO EM PARIS

Disputou-se em Paris no dia de Natal a cor-rida da travessia do Sena a nado, ficando ven-cedor H. Bleuze cuja fotografia reproduzimos.

O DESAFIO FRANÇA-ESCÓCIA

O desafio entre a França e a Escócia reali-zou-se no dia 2 de janeiro em Paris, triunfando os escoceses por 20 pontos a 6. Os franceses foram esmágados em tôdas as

dura lição de rugby.

FOOT-BALL

Em Paris o Slávia bateu uma selecção for-mada por jogadores do Red Star e do Club Francês por 2 goals a o. Nesse mesmo dia o Sparta de Rotterdam ba-

reu uma selecção Olympique-C. A. S. G. rambém por 2 goals a o.

ESGRIMA

Em Florença realizou-se últimamente uma

festa de esgrima que obteve um grande sucesso.

O «match» de florete entre Aldo Nadi campeão da Itália e René Haussy campeão da França

bteve um grande êxito. Haussy jogou bem e com muita energia mas teve de se curvar ante a superioridade de Nadi

que deu 14 toques e recebeu 11. Nesta mesma festa, Gaudin e Nedo Nadi fi-zeram um assalto de florete que foi muito aplaudido.

O resultado dos outros «matchs» foi:

Bini bateu Trombert por 10 a 5 toques e Guccia bateu Delavoye por 10 a 0 toques. A desforra do «match» Nedo Nadi-Haussy

deve realizar-se em Paris a 25 de janeiro próximo no Nouveau Cirque.

Os franceses confiam muito em Haussy e es-peram que o seu campeão consiga desforrar-se da derrota que lhe inflingiu o seu brithante

A proposito deste festival fala-se novamente num "match" desforra entre Gaudin e Nadi.

No seu regresso de Florença, Gaudin decla-No seu regresso de Florença, Gaudin declarou aos jornalistas que vinha encantado com o acolhimento que os desportistas italianos lhe tinham dispensado, fazendo os maiores elogios a Aldo-Nadi que ele considera um grande campeão e um adversário de grande valor.

Interrogado sobre as possibilidades de vir a realizar-se um «match» desforra com um dos irmãos Nadi. Gaudin declarou que estava

pronto a encontrar qualquer dos professores italianos a espada ou ao florete, mas que estes na sua qualidade de profissionais pediam tanto um como o outro uma bolsa de 20.000 francos para um «match» contra Gaudin.

Esta bolsa sendo incompativel com as recei-tas dum festival de esgrima em França, o «match» tem poucas probabilidades em vir a . . .

TENNIS

O TORNEIO DO NATAL EM PARIS

Resultados finais:

Men's Doubles.—Borotra-Lacoste bateu o par formado por Cochet-Brugnon em 3 partidas 0-4, 6-3, 7-5, Men's Singles.—Lacoste bateu Borotra em 4 partidas 6-1, 4-6, 8-6, 7-5. Mixed Doubles.—Madame Golding e Brugnon bateram Madame Le Besnarais e Aslangul 6-4, 5-7, 7-5. Ladies Singles.—Mademoiselle Devè bateu Madame Le Besnarais 6-2, 7-5.

Le Besnarais 6-2, 7-5



H. Bleuze depois da corrida

AUTOBIOGRAFIA

(FRAGMENTO)

ALO de mim com gôsto. O meu defeito capital não é, tenho disso a certeza lúcida, essa rançosa virtude a que chamam modêstia. Olhar para dentro de mim mesmo, espionar-me, sondar-me, apalpar-me, mexer em reconditas fibras delicadissimas, perscrutar som-brios desvãos onde apenas o sub-consciente anda vontade, é entretenimento que me encanta infinitamente e a que me consagro quando me fatigo do mundo exterior que, tal qual sucedia ao personagem da novela de Gautier, também existe para mim. Um homem, por dentro, é um continente inexplorado. A nossa alma é um fates, polipeiros de almas informes e obscuras que se aglutinam e interpenetram, fecundando-se com frênesi no escuro — lagos de trevas em que tremeluzem estrelas e passam, de vez em quando, misteriosos reflexos de luar dolente. A densi-dade da selva mais espêssa não é nada comparada com a densidade duma alma e, sobretudo, duma com a densidade duma aima e, sobretudo, duma alma de homem — porque as mulheres, essas, coi-tadas, teem quási sempre a alma excessiva-mente pegada ao útero e por vezes de tal modo que se não distinguem bem... Nessa espêssa que se não distinguem bem... Nessa espêssa selva há fosforescências, pipilos de ave e rugidos abaladores, frémitos de folhas, rumores melodiosos que são como pirricatos do vento na orquestra polimórfica dos arvoredos, estremecimentos, titilações, tempestades... A gente, na rua, acotovela tudo isso e raros, com mórbida hiper-acuidade, são capazes de o pressentir. As maiores tormentas são as que estalam e relampagueiam dentro duma alma. Quem tem olhos para vê-las fica estarrecido ante êsse parético para vê-las fica estarrecido ante êsse parético. para vê-las fica estarrecido ante êsse patético espectáculo em que o ódio, a paixão, a luxuria, o tédio, o ciume e o exaspêro acendem os fogos da Bengala dos mais fantásticos caprichos e desencadeiam, no entrelaçamento das suas mil serpes diabólicas, a vertigem simultânea dos sentidos. Cada alma é um abismo. Os exploradores da alma são os majores exploradores. Eu tenho uma — e entretenho-me a espreita-la, quem sabe se para melhor a retrair nos olhos indagadores do vulgo. De mim, porem, falo com

gôsto... Não levo nada pela confissão.

Vou fazer 36 anos, sou vacinado, tenho mu-lher e um filho pequeno — e nasci no Chiado, no 3," andar direjto do predio n.º 48. Meu pai, que foi durante trinta anos amanuense das Obras Pu-blicas, er um homem alto, forte, aprimorado no vestuário, todo ancien regime, com orgulhosos apelidos fidalgos. Herdei dele a estatura fisica, mas não fur capaz de me man, er fiel aos seus se-veros princípios conservadores de católico ro-mano e de monárquico macisso. Lembro-me de que uma tarde, subindo êle e eu a Rua Nova do Garmo, um tropel de cavalos nos fez voltar a am-bos a cabeça. Era a sr.º D. Maria Pia que, de lan-dau, encarquilhada e ruiva, sorrindo para a direita e para a esquerda, se fazia transportar com solenidade e ruido. Iamos na altura da *Charcute-*rie e a minha resolüção, a despeito dos dezassete ou dezoito anos que eu então tinha, foi instantănea e perfeitamente concorde com o meu jacobinismo exaltado: voltando as costas para a rua, msmo exaltado: voltando as costas para a rua, para a equipagem e para a velha rainha que passava sorrindo e pintada, puz-me a fingir que contemplava um grande empadão de jambon—enquanto meu pai, à beira do passeio, curvava, numa profunda reverência à magestade que passava, a sua espinha de monárquico e de amanuense. Lembro-me também de que logo que man par revondo o chapage e a verticalidade. meu pai, repondo o chapeu e a verticalidade. de novo começou a subir, com passo lento, a Rua Nova do Carmo, concentradamente colérico e impressionantemente conciso, me desfechou esta advertência:

— Quando chegarmos a casa falaremos! José de Alpoim, a quem fui apresentado em casa de Bernardino Machado — e que eu já lá encontrara por ocasião do 14 de Maio, aterrado e em mangas de camisa, ao abrigo dos furores da Rua — disse-me um dia, aludindo a meu pai, já então falecido: — O Falcão! Tratavamo-nos por tu! Foi um

dos homens mais gentis de Lisboa... Era um ja-

E era. Uma das razões de queixa de meu pai contra mim derivava, precisamente, mais talvez ainda que do meu degenerativo radicalismo poda reduzida importância que eu dava a suma destreza com que êle sabia dar o nó das suas trinta gravatas. Vem-me até à memoria— e a talho de foice vem também o contá-lo agora o seguinte curioso episodio caseiro. Meu pai, — o seguinte curioso episodio caseiro. Meu pai, que possuia muitas botas, muitas camisas, vários fatos e quási tódas as semanas comprava uma gravata no Pita, tinha um costume singular, que consistía em legar mensalmente, ao guarda-portão e a minha pessoa, as gravatas de que se fatigava — ou que já iam estando puidas. Ora eu, que nêsse tempo já era um democrata escandecido, revoltei-me contra esta equiparação que, meu pai, aliás muito cioso da sua paração que, meu pai, aliás muito cioso da sua paração que, meu pai, aliás muito cioso da sua linhagem — acêrca da qual me disse uma tarde, num dos patamares da nossa escada, para en-vergonhar os meus entusiasmos demagógicos, só registar guerreiros e alguns santos - decidira fazer do guarda-portão que varria a escada e de mim, que, pelo facto de ser jacobino, não dei-xava de ser seu filho. E um dia, num rompante,

recusei uma gravata que éle me oferecia:

— Não a quero. Esta coisa do papá dar as gravatas velhas ao guarda-portão e a mim ha de acabar... No demais — pronto! — essa gra-

vata è feissima!

Meu pai, por momentos, ficou imóvel o silen-cioso. Era a estupefacção. Dejois, — e eu vi-a logo estampar-se-lhe no rosto — a sua cólera explodiu veemente, tremenda, quâsi sufocada, crescendo, numa evidente ameaça de desaba-mento, sôbre as minhas orelhas já bastante des-

pegadas:

— Seu pedaço de asno! Feia esta gravata?!
Seu idiota! Quando é que você há de saber
vestir-se como seu pai?! Quando?! Quando?!
Recuei. Creio mesmo que fugi A indignação
de uma consciência revoltada, soltando gritos
que veem do fundo, é sempre um espectáculo que comove e assombra. Se essa consciência é a de um pai, como ficar insensivel? Meu pai era assim. Com que saudade eu o recordo!

Como a minha mobilidade de espirito era grande, filha de uma curiosidade sôfrega e de uma viva insatisfação idealista, ao mesmo tempo uma viva insatistação idealista, ao mesmo tempo que faltava às aulas do liceu para ir saborear à la diable, na Biblioteca Nacional, romances de Camilo e cartimpacios de sociologia, o meu radicalismo, resvalando, levou-me, cheio de candura e de desprezo pelo burguês, às formulas simplistas e tôdas abstractas do anarquismo de Krapotkine — procine feito ascera do ideal shippistas e totas abstractas do ideal— Krapotkine—principe feito asceta do ideal— e de Jean Grave—sapateiro feito sociólogo. Fumei cigarrinhos a roda da Boia, no Rossio, tomei parte nalgumas reuniões clandestinas, em casa e ao ar livre. E uma noite mesmo, no jardim casa e ao ar livre. E uma noite mesmo, no jardim do antigo Campo de Santana — abrazava então o mundo liberal e avançado o fusilamento de Ferrer em Montjuich — assisti a uma vasta e engenhosa relinião a que também compareceram o João Borges, mais conhecido pelo Borges das Bombas e o Homem Cristo (filho) na qual se debateu quem deveria ser vingadoramente exe-cutado: se La Cierva, se Sua Majestade Catoli-ca. Houve um sujeito que se ofereceu para ir a Madrid abater um deles—o que fosse escolhido. Como, porêm, o sujeito exigia que lhe pagassem as passagens e o melhor, no fim de contas, era deixar viver quem vivia, todos se retiraram para suas casas com a consciência ao abrigo de qualquer remorso. Eu era muito novo, e, entretanto, o comunismo, sem eu per-ceber bem porquê, repugnava-me. Sou ins-

tintivamente solitărio e visceralmente indivi-dualista... Os dogmas da seita não aquieta-vam a minha inquietação espiritual. Era preciso vam a minha inquietação espiritual. Era preciso procurar, rebuscar, estudar, meditar—dar uma volta ao ideal. Um dia, pequenino, nervoso e de lunetas, veio de Pariso Gracio Ramos—e l'anarchie, a bizarra folha da jolda montmartroise em que pontificava Libertad, coxo e de blusa, caiu debaixo da minha avidez. Durante alguns meses li por essa cartilha com devoção e foram ainda os ardores dessa fase que me diram numa crismação de irreverência, alguradam puma crismação de irreverência alguma crismação de irreverência alguma productiva de irreverência de irreverência alguma productiva de irreverência de irreverên taram, numa crispação de irreverência, algumas palavras que escrevi algures depondo aos pés de Bonnot e de Garnier—dois bandidos que se bateram como leóes contra a policia e a tropa—a corôa de rubras flores de retorica da a coroa de rubras flores de retorica da minha admiração... Depois, por força das lições dos livros e das lições, mais palpitantes, dos factos, o meu anarquismo foi-se evaporando, evaporando — até que num jornal chamado O Aguador, fulminei o rebanho dos fanáticos e declarei que passaria a ser filosoficamente se decomo es espararia a ser filosoficamente se decomo espararia es espararia espararia es espararia es espararia es espararia es espararia es espararia espararia es espararia espa mente só — como os espargos no monte. Passa-ram alguns anos, dois ou três, e um dia, tendo-se encerrado a redacção do Povo, do Ricardo Covões, onde me iniciei jornalisticamente, fui pe-dir ao sr. dr. Bernardino Machado um lugarzinho de amanuense nos armazens industriais que éle criara. Era Sua Ex.º presidente do Ministério. Estavamos em fins de 1924.

A grande guerra principiara. Só lhes digo uma coisa: Bernardino Machado, que me conhecia desde 1908, não me fez amanuense, mas subindo eu a escada alcatifada da sua residência, vol-

tando-se para uma das suas filhas, disse:
—Não conheces o Bourbon e Meneses? O filho
de Gaspar Falcão? Que vai ser administrador

de Gaspar Parcao. Que var ser administrador do concelho em Viana?

Fiquei varado, Mas la segui para Viana do Castelo, onde travei relações, que ainda hoje são cerimoniosas, com o Codigo Administrativo. Foi a minha desgraça! Uma noite, na rua de S. Sebastião, por minha ordem, e comigo à frente, alguns policias cheios de reumatismo deram es-padeiradas nuns visionários impertinentes. E, como se isto ainda fósse pouco, prendi o sr. Mar-tinho Cerqueira—que nunca até ai fóra prêso—e fur caçar a Arcos de Val de Vez, por uma ge-lada noite de inverno, fazendo entrar, com bonitos modos e sem desrespeito pelas praxes, na fortaleza de Viana, o major e antigo deputado da monarquia Rodrigues Nogueira, indigitado chefe do movimento de Mafra.

Tinha-me vendido à burguezia e deixado cair, lastimosamente reconciliado, nos braços da Re-

pública.

Quando penso nisto — palavra de honra — sinto as lágrimas aflorarem nos meus olhos... Porque não fui eu forte? Porque deixei que o meu anarquismo dos dezoito aos vinte anos se evolasse de todo? Onde está a minha auréola da poesia? Onde está a claridade do sonho que me enchia o espírito? Tristemente, desoladamente, sou apenas agora a carcassa do anar-quista sentimental que fui entre sapateiros e bisbórrias.

Mas será verdade que o ter sido anarquista como eu fui — embora espiritualmente mal com-portado e repontão — seja qualquer coisa de tão penosamente confrangedor como o pode ser, para uma mulher que se atolou no vicio, o recordarem-lho com crueldade?

Seja, porêm, como fôr : hoje sou um burguês. E a prova de que tenho conseguido subir está nisto: moro num quinto andar. O sr. Antonio Maria da Silva aperta-me efusivamente a mão. Os colegas chamam-me ilustre em letra redonda. Tenho, de minha casa, uma linda vista do rio. Que auriflamas, em certas tardes, não são as velas das fragatas! Que mais quero eu do que ver navios?



A CASA PORTUGUESA





SALA DE JANTAR NA CASA DE LISBOA DO SE EDUARDO JOÃO BURNAY



SALA DE JANTAR NA CASA DO SR. DR. LEONARDO DE CASTRO FREIRE

O AZULEJO DE RODA DA A NOTA INCON-FUNDIVEL DA HABITAÇÃO PORTUGUESA. CASA DO SR. EDUARDO JOÃO BURNAY.

E procuramos nacionalizar o interior da nossa habitação sem o privar casas do nosso tempo, não precisamos de recuar até a época de D. João V. Desde o reinado de D. Maria I que as decorações usadas, em geral mais discretas que nas épocas precedentes, se coadunam perfeitamenta com o mobiliário adequado aos hábitos da nossa rito.

daquele ar de confòrto próprio das vida actual. Nos exemplos aquí reproduzidos vemos o antigo e o moderno combinados num conjunto de bom gôsto que, sem excluir o indispensavel conforto, honra a boa tradição. Instaladas em construções antigas, estas salas têm o sabor tradicional que encanta; e aliam ao confório a que somos habituados, aquele requinte de gôsto que é apanágio das pessoas de espi-



UMA SIMPLES BARRA PINTADA A FRESCO, EM VOLTA DAS PARE-DES, FOI SEMPRE MO-TIVO DE DECORAÇÃO PREDILECTO ENTRE NÓS E, QUANDO É OBRA DE UM DECO-RADOR HABIL, PODE IMPRIMIR DISTINGÃO E GRAGA A UMA SALA. CASA DO SR. ALEXAN-DRE REY COLAÇO.

PÁGINA INFANTIL

verão a cigarra canta: - errrerrr!...

crerrere!...

E todos gostam de a

ouvir, porque ela canta em louvor do sol, do calor e das flores.

É ela a poetisa dos campos e das serras; e o o dóbro. seu canto, cheio de alegria, quer dizer:

"Obrigado, irmão Sol, por aqueceres a terra e fazeres nascer o trigo! Obrigado, chuvinhas leves, por refrescardes as searas! Obrigado por tudo, natureza forte e boa!»

- crrrrrrr! ... crrrrrrr! ... Bem haia o Sol! Bem haja a Vida!

E todos gostam de ouvir cantar a cigarra. Todos, todos, menos as formigas.

As formigas o canto das cigarras faz-lhes mal aos nervos. É uma velha embirração que dura há muitos anos, desde certa bulha que houve entre uma cigarra e uma formiga. E. desde então, insectos que cantam e formigas mudas não fazem farinha, não se dão bem. Quero eu dizer que as formigas cortam na pele de cigarras e grilos quanto podem; mas os grilos e as cigarras não fazem caso, gostam de todos. São boa gente, coitados!

-Para que servem êstes bichos? pensam consigo as formigas. Para nada! Não trabalham, não fazem coisa nenhuma; nem se quer se lembram no verão de juntarem comida para o inverno. Patetas! Patetas!

Assim discorrem as formigas, considerando as cigarras como seres inuteis. Mas as tlores não gostam de ouvir isto e defendem as cigar-

 É a nossa poetisa. Tem o seu coraçãosinho cheio de alegria e, cantando, espalha alegria por nós todos. Não se deve dizer mal dela!

-crrrrrrr!... canta a cigarra.

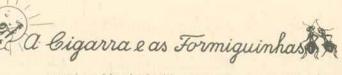
- Tôla! resmungam as formigas, correndo em fila, umas para ca, outras para la, com asbôcas cheias de comida, numa lufa-lufa que não para.

Dai a pouco vem o inverno, e que bons petiscos nos celeiros das formigas! Sente-se cá fora o cheiro da comida. Que fartura! Que fartura!

Ora aconteceu que, certo inverno, a pobre cigarra, estando com muita fome, porque tinha a barriguinha completamente vazia, passou por um formigueiro com a sua guitarra a tiracolo.

A cigarra para a porta, e pede que lhe emprestem uma buchinha.

- Não peço dado, explica ela muito humilde. È só emprestado, e até ao verão que vem. Eu



pagarei sem falta, darei o dóbro, e até mais que miga-vigia que tinha ralhado com a cigarra.

Resposta da formiga que estava de guarda:

- Não vês o que diz a tabulsta do formi-



gueiro : «Aqui não se dá esmola». Toma nota. fica-te com esta e segue o teu caminho,

- Só por esta vez! pede, muito affita; a cigarra. Tenho tanta fominha!



- Mas, que andaste tu a fazer todo o verão? pergunta a formiga vigia. Cantaste, hein? Não te lembraste do inverno. Cantaste, pateta! Pois, agora, dança, enquanto a tua barriga dà horas. E, se não queres dançar, vai cantar a outra freguezia! E, sem mais, a formiga-vigia entrou no

A cigarra, cheia de fome, procurou um buraco para dormir, porque, enquanto se dorme sente--se menos a fome. As cigarras, quando dormem, sonham. Sonham coisas bonitas. Bem se sabe que os poetas sonham sempre coisas lindas, mesmo quando teem fome...

Enfim, veio a primavera, mas desta vez, com muita chuva, que la pingando: «pingue, pingue, pingue». E as formigas, ao sair dos seus formigueiros, tinham as patinhas tôdas molhadas.

Havia pôços pelos caminhos, grandes po-

ças cheias de agua e de

Uma formiga escorregou e caiu, vendo-se em grande perigo de se afogar. Era a mesma for-

Esta, por acaso, estava a beira daquela poça, a ofhar e a cantar:

- crrrerett... crrrerett...

- Cigarra, gritou a formiga, salva-me. Tu tens azas, vôa até mim, estende a tua patinha e eu treparei e salvar-me-hei. Esquece a minha maldade! Salva-me, afogo-me!...

A cigarra voou até ao meio da poça onde a formiga estava aflica. Estendeu uma patinha e a formiga agarrou-se a ela e sentou-se tòda molhada nas suas costas.

- Obrigado, cigarra, obrigado, Tu és uma boa cigarra. Pagaste-me o mal que te fiz, fazendo-me bem. Amoleceste o meu-duro coração-Cigarra, tenho muita, muita pena de te ter recusado uma buchinha o inverno passado. Logo que acabe coutono próximo, bate a porta do nosso formigueiro. Para ti sempre há de haver fartura. Cigarra, poetisa cigarra, deste-me uma grande lição: mostraste-me a força da bondade. Obrigado, cigarra e não estejas zangada conosco. Vem de vez em quando cantar a porta do nosso formigueiro. Até gostaremos de te ouvir. Tu agradecerás a Deus, em nosso nome (temos tão pouco tempo para rezar). Tu agradeceras tudo o que Éle nos deu, o sol, o dôce sol, e o tino que Ele poz nas nossas cabecinhas tão pequeninas, e a nossa fôrça de trabalho e de vontade. Tu és uma boa poetisa, amiga cigarra, e a tua reza, cantada pela tua bôca, será bem recebida. Adeus! Até breve. Não te esqueças de nos procurar no inverno que vem.



E, descendo das costas da cigarra, entrou para dentro do formigueiro.

Não sei o que disse as suas companheiras, mas o que è certo è que tiraram a tabuleta que

«Aqui não se da esmola».

A guerra que durava desde longos anos entre formigas e insectos que cantam, estinguiu-se de vez e por completo.

E todo o verão canta a cigarra:

J. BENSAUDE.

HUMORISMO

COISAS QUE SÓ A MIM ACONTECEM...

no, é que eu me julgue de fabrico diferente ao resto da fauna humana, estou mesmo em acreditar que, no que respeita a forma, cor e volume, sou perfeitamente igual a meus irmãos em Adão, mas, ou porque a estrêla que benzeu o meu nascimento estava um tanto mal disposta, ou porque a data em que a minha familia se delivrou de

mim, soprava uma aragem de designaldade, o que é absolutamente certo, é que a mor parte das coisas que acontecem a tôda a gente, abrem para mim feriado obrigatório.

Não pareça isto estranho e não me julguem um original (alcunha carissima que muita gente tem a vaidade de chamar a si). Sou o mais comum dos homens, com todos os defeitos masculinos e todos os atributos morais e civis concernentes. Simplesmente, há coisas que me forçam a autopsiar a minha individualidade e a encontrarhe qualquer coisa que não sei se tenho a mais ou se tenho a menos.

Exemplo:

Nunca estive para casar

rico! E esta afirmação peza-me, não como desconsolação de pessoa que possui um bilhete de lotaria sem prémio, mas sim, porque não conheço homem algum que, ao historiar a sua existência, não aponte um casamento em principio com certa Mas há mais. Nunca joguei a pancada!

Se se juntam quatro amigos, é certo e sabido que todos os oito jogaram a pancada e então começa o rozário:

— Uma vez... eu olho bem para êle... levanto da mão... e quando m'o tiraram de entre os dentes... etc., etc....

Pois eu não sei que isso é e, quando acontece

major para cima ou respeitaveis senhoras de sessenta anos, idem.

A conquista de uns olhos que se encontram num engraxador do Chiado, de uma mulher que se segue, de uma loura que sorri ao pagar os setecentos e cincoenta do carro do Bairro Camões, também é para mim letra morta!

Jámais segui uma mulher além do espaço

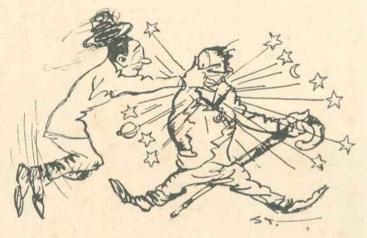
bastante para vêr que não era para mim que ela othava, nem lobriguei bôca formosa que me achasse graça.

E, dadas estas razões, aparece uma terceira anormalidade: Nunca recebi uma declaração!

De cem pessoas que escrevem coisas, há pelo menos uma percentagem de duzentos por cento, que mostram cartas de senhoras encadeadas pelo brilho da prosa do literato. Fois até à data (que eu saiba) nunca recebi nenhuma brincadeira dessas e, por mais que puxe lustro, não consigo nem um simples bilhete postaj ilustrado!

Ora todas estas razões Ievam-me a acreditar que na

minha fabricação, houve qualquer lapso, origem de todas estas faltas que me obrigam a passar por anormal e me fazem antever, mais dia menos dia, um comprador para o meu esqueleto, facto que, por certo, servirá



ter de ouvir os relatos de várias scenas de valentia, fico para um canto, muito murcho, sem Ourique ou Alcácer-Kibir na minha vida, triste por não poder dizer igualmente que

- Uma vez... éle puxa duma pistola...

apanho a bala e dou-lhe com ela na cara...

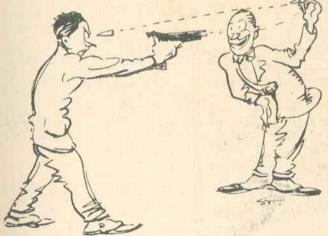
Também nunca recebi uma carta anónima! Nem mesmo a chamar-me menos feios!

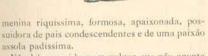
Todas as missivas que recebo, por um fatal destino, por uma cruel desilusão, trazem estampada a assinatura de quem as envia.

Por mais que eu deseje receber uma carta anónima, não há forma e, a tal ponto chegou o meu desejo de nêsse ponto ao menos, ser igual aos meus cole-

gas da vida, que certa vez, tanto teimei, tanto teimei que recebi uma... mas conheci logo a letra: Era a minha...

Não há rapaz, homem ou velho, a quem não tenha acontecido uma aventura no cinema! Pois a mim não! Nunca por lá arranjei namoro algum e a meu lado só se sentam militares de





Não há por ai homem vulgar que não aponte esta desgraça, por mim nunca passada e que, por isso, me faz supor o barro de que fui feito de classe refratária às capitalizações amorosas.



para a sciência espevitar mais o pavio da sua sabedoria, e eu livrar-mo duma bagagem, que não mo serve absolutamento para nada.

HENRIQUE ROLDÃO. .



AS PREFERÊNCIAS DA MODA

OS MANTEAUX HABILLÉS E AS COMBINAÇÕES DE TECIDOS DIFERENTES

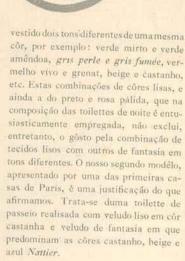
Se bem que algumas das grandes modistas parisienses indicam a capa luxuosa como o complemento necessário para a harmonia duma toilette de cerimónia, é manifesta, a preferência da mulher elegante pelo manteau ligeiramente cintado na altura própria e sumptuosamente guarnecido com fartas barras de peles caras.

Éstes manteaux, dos quais damos nesta pagina um modelo especimen da forma adoptada — são geralmente de veludo, broché ou moire, ou qualquer outro tecido de aspecto vistoso e rico, que aliado com a opulência das peles oferece um conjunto de equilibrada elegância e bem compreendida imponência.

O nosso modelo não é, como se vê, um abafo de noite, no gênero daqueles a que acima nos referimos, apresenta-nos apenas um manteau de passeio, realisado com setim preto ou de côr sobria, e guarnecido com pele chinchilla, mas estudando-lhe o corte e a disposição das guarnições, veremos que os luxuosos manteaux de noite apenas diferem dêste na riqueza e no brilho das côres e dos tecidos com que são realisados.

A moda acarinha cada vez mais a aliança de tecidos e cores diferentes na composição duma toilette. Neste momento predomina o critério de juntar num so

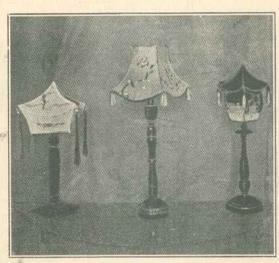






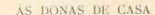
A preocupação de velar a crueza da luz eléctrica e a forma inestética das respectiorma mestera das respecta vas lâmpadas, tem inspirado ideias graciosíssimas. Veja-mos, para exemplo, êstes lu-dos abat-jours em que ressalta inconfundivel a nota oriental. Qualquer destes modélos é de Qualquer destes modelos è de fàcil execução, exigindo apenas uma forma de arame impecávelmente construida e um pouco de pongé de sêda na côr preferida, que se estica, devidamente cortada por um molde certo, sôbre os arames préviamente forrados com fita de sêda a envolvê-los em fitta de sêda a envolvê-los em espiral. Depois do abat-jour terminado, pinta-se nas dife-rentes faces com motivos em género oriental.

Se bem que o trabalho de execução dum abat-jour neste genero não exija especiais co-nhecimentos técnicos, obriga. porem, a empregar um gosto apurado, para que o abat-jour resulte artistico e perfeito.

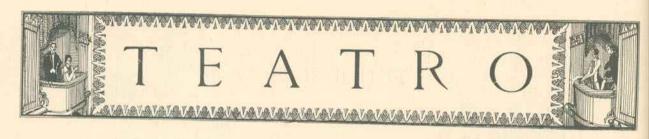


Três graciosos modélos de abat-jours para candeeiros de electricidade

As grandes almofadas dispersas pelo chão ou sôbre os maples, conpelo chao di sobre os martes, con-quistaram definitivamente as sim-patias da mulher elegante. Os mo-delos mais recentes, no genero do que publicamos, representam uma ampla almofada que fica completa-mente oculta sob a farta sará de seda duma boneca coquette cujo rosto emerge, garridamente toucado de caracoes e laços, daquêle montoado de sedas e rendas que forma a sua imponente toilette, mas que, na realidade, é uma de-liciosa almofada decorativa num salão ou boudoir requintadamente elegante.



BABA. - Amassa-se 250 gr. de farinha de trigo com 10 gr. de fer-mento inglês dissolvido em água morna. Em estando amassada dei-xa-se levedar. Torra-se 250 gr. de farinha, mistura-se com dois ovos, 150 gr. de manteiga, uma pitada de sal e uma colher de açücar. Amas-sa-se, juntando-se-lhe pouco a pou-co mais três ovos. Quando estiver bem maleavel, a despegar do alguidar, junta-se à que se pôs a levedar, amassando-se as duas durante 5 minutos. Junta-se então 65 gr. de passas de Corinto e de Smirna, mete-se numa forma untada com manteiga e açucar e coze-se em forno forte durante 30 a 40 minutos. Desenforma-se depois para um prato, rega-se com rhum e serve-se.



SAINTE JEANNE BERNARD SHAW

— Anatole est mort! Vive Anatole! — que por mais que o muito ilustre Bernard Shaw, em longo prefácio à sua peça, presuma do seu poder de Adivinho e da originalidade de seu desenho e colorido, a verdade é que tôda essa euforia de homem de teatro não passa afinal dum gentil Gab, à maneira dos que era de uzo fazerem-se nos bons e palreiros tempos de Carlos Magno e de seus pares, na Gâlia eloquente. Pois tôda a sua «Sainte Jeanne», dos pés à cabeça, e membro por membro, êle a foi arrancar aos maravilhosos vitrais do grande Mestre frâncês.

Essa aragem medieval que pretende e, por veses, creio que consegue, fazer correr livremente através das seis soberbas scenas do seu Auto, é ainda, ia jurá-lo, vento que lhe foi soprado do lado de cá da Mancha, o ágro e subtil ramalhar das folhas da «Vie de Jeanne d'Arc», sem a preexistência da qual o drama de Shaw seria impossivel.

Certo é que na travessia do Canal, a Pucella muito perdeu do seu ar contemplativo e extático, e na sua convivência com Bernardo Shaw, numa terra eminentemente sportiva como a Inglaterra, ela adquiriu um desembaraço e segurança de movimentos que muito surpreenderia a irónica indolência do seu companheiro de vinte anos, do friorento e voluptuoso Anatole. A Pucella-Poilu tornou-se um tanto em Pucella-Tommy, e tomou seus ares de sufragette, com o que Miss Pankursk se deve ter sentido profundamente lisongeada.

Mas, basta de sorrir... Que a culpa tôda é da longa prosa em que Shaw se alarga antes de subir o pano, duma presunção que faria honra a qualquer Nietzsche de provincia, e uma tal baralhada de talento e de pedanteria ingénua, e tal rutdo à porta da barraca, que difícil é ficar-se o leitor sisudo c respeitoso como é de seu dever e bôa educação. Espantar o burguês—é ainda hoje, como nos bons tempos de Beaudelaire e de Théo, uma preocupação de tanta gente, como se o burguês fôsse susceptivel de se espantar com alguma coisa!

Esta espécie de clownismo—na Inglaterra nascem os melhores clowns do mundo—vai até ao processo de compor e articular os seus personagens e até à maneira inesperada como, infantilizando-nos, nos obriga a comover, seus destrissimos bonecos em brusca piroeta nos ar-

rancando lágrimas que não nos suponhamos já capazes de chorar! E. a êste poder de despertar a Infância adentro de envelhecidas almas, serão sempre gratos os corações dos homens.

Aqui, pois, é que Bernard Shaw nos surge absolutamente senhor de si, e sua viva simpatia pelo Entremês, seu anatoleano entusiasmo pelo teatro de marionettes,— teatro que despertara sempre a paixão louca das crianças e de todos os artistas de bom sangue—tudo somado ao seu raro talento de caricaturista que tanta vez o salva duma constante tendência para a prédica, fizeram dêle o poderoso dramaturgo que o mundo justamente admira, e, por vezes, Mestre digno de disputar as palmas da Foesia ao génio dos antigos jograis, de, creio até, aqui, além, trocar o tu ca, tu lá com Gil Vicente e Schakspeare... Pelo menos, na peor hipótese, êle tem o poder de nos detxar esta ilusão.



Ludmilla Pitoeff, genial intérprets de Saints Jeanne, em Paris

— O talento decorativo de Bernard Shaw, pintor eximio na composição das suas scenas constitui decerto um dos mais fortes encantos da obra. Senão, é ver como entre os negros muros de pedra e os velhos móveis de carvalho do medievo castelo do senhor de Baudricourt, éle lança sob o arco da porta essa viva pincelada vermelha que é a entrada de Jeanne naquela manhá de primavera — décement retue, en rouge — êsse vermelho tom tão do gôsto dos coloristas ingleses e que ao passar um dia a palheta de Goia, tingiu de sangue os lábios da Maja e os «fusilamentos de Maio», e largamente

alastrou por todos os dramáticos lienzos do grande Mestre espanhol...

E, nas margens do Loire, enquanto o gentil Dunois canta a sua balada ao vent d'ouest, aquele vôo azul do pica-peixe, — couleur du ruban de Marie— que resplandece no terceiro acto como um ràpido relàmpago, enfeiticando a Pucella e o Bastardo e seu pagem como a perdidas crianças que andassem aos ninhos à beira dalgum rio de fadas, é ainda um milagre de luz que faz pensar em Mestre Angelico e nos bons préraphaelitas d'antanho, naqueles veridicos préraphaeilitas que veridicamente viveram e pintaram— antes de Rafael.

Abençoado tempo que Shaw gastou na verde Irlanda pelos muzeus de Dublin, educando os seus olhos, exaltando a sua paixão da côr, que até na música o fez genuflectir aos pés do Vagner, do tremendo visualista que outra coisa não fez com os sons senão pintar...

Pena é que o singular prestidigitador, em outras longas scenas, decerto inteligentissimamente escritas, deixe a impressão de estarmos relendo velhas páginas conhecidas, com tantas figuras vistas através de olhos alheios. Deus me perdõe se o seu Conde de Wazwick não ê próximo parente dos Porgias do Conde de Gobinot, e se aquele seu Inquisidor não é da mesma raça dos Cardeais de Leão X, que o autor da Renaissance faz discretear como filosofos anatoleanos, cavalgando as suas mulas pelas ruas de Roma...

Mas esqueçamos tudo para só lhe agradecer-mos, contra a opinião dos criticos, o seu fantástico e picaresco Epilogo com que houve por bem fechar o drama. E agradeçamos-lho não pelas razões que o autor evoca, mas por outras mais simples e mais generosas: É que a Saînte Jeanne é um dos mais formosos contos de fadas que temos ouvido contar, e os contos de fadas devem sempre acabar hem. Justo é que a Pucella, que a Fé queimou em (43) e que a Fé canonisou em 1920, nos apareça viva e sã, ainda que sob a forma de fantasma como lá na peça, e que assim, ao menos, possamos assistir à sua ressurreição.

Pois por que não havia de ressuscitar a dôce Jeanne? Acaso não ressuscitou Jesus, vítima como ela da estupidez e ferocidade humanas?

E não assistimos nós, atrayés dêste maravilhoso Auto, página a página, a ressurreição da Ironia caldeada de anglo *humour*, do para sempre grande e agora e na hora,—não assistimos nós a ressurreição de Anatole?

FREI CARLOS.

O SACO DO EMIGRANTE

A o embarcar para o Brasil, os que são de todos os Portugueses os mais pobres (pois quanto de nascença não traziam no coração perderam) só levam aos ombros um saco de retalhos, tão variegados como as flores dos campos que deixaram.

Das linhas com que foram cerzidos esses recortes multicores das chitas que em novas bailaram nas romarias, nem uma só que não ficasse impregnada das lágrimas das mães ou avos que pelos serões da larcira, à luz da candeia, com o pensamento já na ausência, amorosamente as fiaram nos fusos tomeados das lindas rocas de cana pintada em que foram fiadas, desde o berço ao caixão, os enxovais e as mortalhas de tantas gerações de emigrantes.

Ao abeirar-se a partida, quando ja na volta da estrada tilintavam os guisos da mala posta, foi nesses bornais de caminheiros que no derradeiro instante, os que ainda guardavam na alma rural a candura idílica de poetas natos, meteram as escondidas, entre o bragal humilde, as lembranças mais queridas. Aquelas que sem valias para estranhos, melhor lhes relembrassem, rústicos fêtiches da Saudade, o que para êles era a maior riqueza: - o anel de chumbo da namorada, o lenço de renda com seu coração trespassado por uma seta, uma madeixa de cabelos, a medalha benzida da Senhora da Serra, um retrato com essas ingénuas dedicatórias que são divinos versos sem ortografia, um dedal todo amolgado, um bilro partido da dobadoura, às vezes somente uma pinha seca do último natal. uma concha da praia ou um simples seixo pulido pelas águas do rio...

Dobados anos, la ao longe, a hora em que cada um arreia o duro fardo que carregou durante o dia, e com a cabeça entre os punhos, como a muda estátua do destêrro, se abisma na sua solidão; quando no crepúsculo que da ásas ao pensamento, as sombras em tôrno, como fantasmas, erguem as mãos para o alto, e no coração cheio de fel, como a hóstia sôbre o cálice, sobe a saudade; quantas vezes, tirando do fundo do saco uma dessas pobres reliquias escondidas, os emigrantes se ficam com ela nos dedos, a sismar, a sismar...

E eis que subitamente, tudo que os rodeia se transfigura, como se a solidão se povoasse por milagre. E de novo vêem e de novo ouvem, para além da realidade, tudo o que não viam nem ouviam, há tantos anos, aquela mesma hora.

Mas com que som e com que aspecto tão diferentes do que tudo tinha dantes!

...Numa poeira de pedrarias, sôbre a serra onde a luz de Portugal desdobrou tapeçarias de brocado, já a procissão do Poente, com andores

de núvens e pendões de púrpura, vai desfilando atrás do palco do Sol que de custódia erguida, a refulgir, agora mesmo deitou a sua benção la no alto, entre as alas de ciprestes do cemitério, todos perfilados. (—Quantos da aldeia, enquanto assim andas penando neste inferno, lá estarão já descançando, todos regalados, na boa terrinha abençoada!...)

Do campanário caiado, onde o galo de lata do catavento parou no ar sem um sôpro, cáem as trindades, a pairar de vale em vale. (—Será de estares já tão cançado de tocar, sineiro velho, que ao ouvirem-te pelos campos, os que param de cavar, com a cabeça descoberta apoiada ao cabo da enxada, se põem a rezar a finados?...)

Sôbre os tetos de colmo louro, direitinho no azul, como sobe ligeiro do lume de vides sêcas a estralejar na lareira, o fumo branco da ceia! (—Devagar, mais devagarinho, que não vale a pena subires tão alto, oh fumo dos sonhos que o vento leva!...)

Por entre os castanheiros do souto, onde canta o cuco, la vem chiando, todo carregadinho de lenha, o carro de bois do tio João do Adro. (—Mas já não são nem o Russo nem o Malhado que tão irmámente obedeciam à tua voz, sem precisão da aguilhada, quando eras tu, em pequeno, quem os guiava!...)

Moleirinha das Devezas que vais passando as poldras do açude, com a taleiga à cabeça. (— Foi da farinha ou da saudade que assim te embranqueceram os cabelos doirados?...)

E tu pastor que desces da serra, com o cão amarelo à frente do rebanho. (—Foram os lobos de tantos invernos que te disimaram tantas ovelhas?...)

Com a réqua de machos a guizalhar, ai vem pela estrada da vila, o *Torto* almocreve. (—Das lindas chitas e dos lenços de seda que trazes nos alforges, com quantos virás tentar as casadas a mail'as solteiras, que no próximo arraial baila-rão o fandango e o vira nos braços doutros conversados ?...)

Com que fadiga vais enxugando o suor, a bater de porta em porta, carteiro côxo, com a sacola tão cheia a tiracolo. (—Para que tantas pressas, se as cartas mais desejosas que tu levas, ai dos esquecidos, são os que ficam sem resposta!...)

E tu, avosinha sentada à soleira, fia que fia na tua roca. (—Para quem, velha santa, se nunca verás bisnetos a pular e a rir entre os que lá voltam da escola, todos besuntados de amoras... (Que gôsto tão bom que elas tinham a mel, para assim tanto amargarem ao depois, nos silvados da vida, como se soubessem a fel!...)

— Cantai, cantai, de saias arregaçadas, ó belas trigueiras que desceis à fonte da bica de telha, entre as giestas! (—Quantas vezes enchesteis, para outras tantas esvaziar, a bilha de barro—que de tanta água que desteis aos pobres dos caminhos, só a esta sêde nunca a podesteis matar!... Qual de vós, táo mudada, que por

de núvens e pendões de púrpura, vai desfilando mais que a procurem estes olhos, já não recoatrás do palco do Sol que de custódia erguida, a refulgir, agora mesmo deitou a sua benção la última vez...) tirou do dedo, para t'o dar, êste no alto, entre as alas de ciprostes do cemitério, anel de chumbo?...)

Lá ao fundo, na escuridão do porto, põe-se de repente a sereia dum navio a uivar...

— Vento da barra, oh vento que vens do Mar largo, quantas nuvens de Portugal andaste embalando para logo rasgares pelos ares — que no fundo do meu saco, de tudo que trouxe, oh vento de maldição, só restam farrapos!...

. .

Assim como vós, meus irmãos de sina, também eu levei na minha alma (que à semelhança dos vossos sacos é feita de tantos retalhos multicores) tôdas as memórias escondidas do que mais amei.

De tôdas as linhas com que foram cerzidos os farrapos variegados dessas recordações, nem uma só que não fôsse igualmente fiada pela Dor, na dobadoura da Saudade.

Através dos países alheios, pelos longos caminhos da terra ou pelas largas águas do mar, nas horas de maior solidão, quantas vezes como vós as fui buscar lá ao fundo do meu saco, para não me sentir tão só!

Ao cabo de tanto vagamundear, trago-o tão cheio como o levei. Por mais que esperdicei pelos caminhos, não se esvasiou. Antes, ao passo que mais vou andando, cada vez me parece mais pezado. É que em lugar das ligeiras ilusões que primeiro continha, não sei que fadário (a Sina, ou a Realidade?) a uma a uma foi transformando o oiro de que pareciam feitas em chumbo vil.

E ao meter cubiçosamente as mãos, por mais que procure, só encontro punhados de cinzas... poeira das covas... trapos ...

Mas as vezes, não sei que condão de vida latente, que vem là de tão longe, as agita. E todo êsse montão de coisas mortas se põe a reluzir, a revibrar — como um tesouro escondido.

Ah! não o esvaziei, nem o esvaziarei nunca (agora o sei) ao meu saco de caminheiro. É que o que lá fica sempre no fundo, renascendo de tôdas as mortes, são reliquias encantadas. As miraculosas reliquias da Saudade, da inextinguível exaltação das almas portuguesas para o Passado—que não é, na essência, senão a eterna esperança insaciada de o vermos reviver. Messiânica ressurreição das memórias duma vida mais bela, a da Vida que não vivemos l

Aqui vo-las dou, neste livro que sendo de quantos fiz porventura o mais humilde, é de certo porisso mesmo ao que mais quero — pois nêle puz tudo o que mais amo, como vós também puzesteis ao partir, no fundo do vosso saco de emigrantes, oh meus ignorados irmãos dispersos do Pais do Fado e da Sociedade aventureira.

JUSTINO DE MONTALVÃO.



ANGOLA

ANTO se tem falado desta nossa colonia, das suas riquezas e possibilidades, das suas maravilhas, da obra portuguesa lá realizada e, sobretudo, das cubiçosas ameaças estrangeiras que sóbre ela pairam, que não deixa de ser oportuno fazer, a tra-

ram, que não deixa de ser oportuno fazer, a traços largos, uma pequena descrição que dê de
Angola uma ideia tão nítida quanto possível.

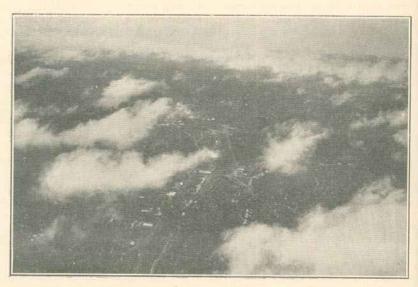
Continuando a obra formidável das Descobertas, iniciada por seu tio, o Infante D. Henrique, foi por D. João II enviado Diogo Cão a
continuar a exploração da costa ocidental africana, tendo descoberto Angola em 1482-83 e reconhecido tôda a costa, desde o rio Zatre (Congo) até ao Cabo de Santa Maria, na costa de go) até ao Cabo de Santa Maria, na costa de

Só na segunda metade do século xix, depois de termos ocupado todo o litoral e explorado todo o interior, colonisando uma grande parte,

todo o interior, colonisando uma grande parte, è que se definiram as fronteiras de Angola, que são ao N. o Congo Belga e, no Enclave de Cabinda, o Congo Francès (A. E. F.), a E. a Rodésia Inglesa, ao S. o antigo Sudoeste Alemão, hoje entregue à União Sul Africana, como mandafária do S. D. N. e a W. o Oceano Atlântico. Sendo a superfície total das colónias portuguesas de 2.075.040 km², só Angola ocupa 1.255.775 km², sendo 13.6 vezes maior do que Portugal que tem apenas 91.948 km². Quanto a população tem as colónias portuguesas mais de 8 milhões de habitantes, cabendo a Angola 4.5 milhões, o que lhe dá uma densidade módia de milhões, o que lhe dá uma densidade média de 3,6 habitantes por km.3, quando a de Portugal è de 65.

Em Angola encontra-se uma grande variedade de climas, desde os acentuadamente tro-picais na zona litoral do norte da provincia, até aos climas planalticos, tão bons como os melhores de Portugal. Na verdade a corografia

angolona caracterisa-se, dunda maneira geral, por uma baixa litoral pouco acidentada, de largura variavel, que de repente da lugar a uma grande elevação de terreno que chega a altitudes de mais de 2.000 metros, constituindo as



Angota, -- Vista da cidade do Huambo tirada de aeroplano. A cidade do Huambo, situada no coração do planalto de Benguela é uma das de maior mais assegurado futuro da nossa provincia de Angola. Quer pelas suas condições climatericas quer pela fertilidade dos terrenos que a rodeiam, que a par dos produtos genuinamente tropicais produzem os curopens, a cidade do Huambo presta-se incondición linente ao estabelecimento de grandes coló niax curonelas;

zonas planálticas interiores. O monte mais alto de Angola é o Elonga, com 2,300 metros. Os planaltos de Benguela e de Mossamedes, são os

planalfos de Benguela e de Mossamedes, são os mais celebres, vastos e ricos de Angola. Os meses de Maio a Agosto são os mais sêcos e frescos do ano. Nos planaltos as temperaturas nos meses de Junho e Julho chegam, nalguns pontos a descer abaixo de zero, como por exem-plo em Silva Porto, sêde da região planál-tica do Bihé (Planalto de Benguela) situada

a 440 km. do litoral e a 1.712 metros de alti-

A raça branca vive magnificamente nestas re-giões planálticas onde, nalguns pontos, há já uma importante população europeia fixa, com

algumas gerações.

Em Angola podem pois praticar-se tôdas as culturas, desde o cacaueiro até ao trigo. As suas principais culturas são a cana de açúcar, suas principais culturas são a cana de açúcar, o cale, o cacau, a palmeira do azeite, o algodão, o sisal, a borracha, os cereais, etc. As suas riquezas mineiras são incalculáveis, como os diamantes, o carvão, o petróleo, o cobre, o ferro, o ouro, a prata, etc., estando algumas já em exploração. O seu litoral é riquissimo em peixe, sobretudo nos postos do Sul, Mossamedes, Bata dos Tigres, etc., no distrito de Mossamedes, onde existe há muitos aros já uma importantissima indústria de pesca.

Angola tem hoje cêrca de 1.400 km. de caminhos de ferro e, em 1928, com a conclusão do C. F. de Benguela, em activa construção, ficará com uma rêde ferroviária de, cêrca de 2.000 km.

2.000 km.

Portugal tem aproximadamente 3,500 km, de

Politiga de la proximadamente su o discussione de caminhos de ferro.

Do desenvolvimento de Angola e da grande obra que os portugueses lá têm já realizado, se ficará fazendo uma pequena ideia completando o que atrás fica dito com as gravuras que hoje interessos as accessos.

o que atrás fica dito com as gravuras que hoje ilustram esta secção.

Angola é um verdadeiro tezouro que os portugueses herdaram dos seus maiores: devemos conservá-lo e aproveitá-lo para o que nos basta administrar bem, de modo que as energias e capitais, tanto nacionais como estrangeiros, mas o mais possível nacionais, para lá se dirijam.

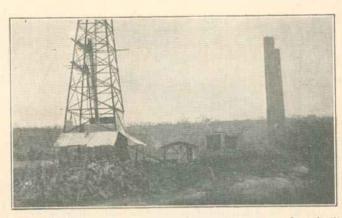
Para se resolver a crise económica e afugentar as ambições que pairam sôbre o nosso património colonial, tornando a nação próspera e respeitada, basta apenas... administrar bem, aproveitando Angola.



Angona. - Um grupo de poveiros que se estabeleceu em Porto Alexandre. Éstes portugueses fiumildes, derum nobilissimos exemplos de energia, tenacidade e resignação contra tódas as desditas; que os atormentaram e que só aque las qualidades poderiam ter vencido.



Argona-Mossaments. — A importante indústria da pesca em Mossamedes é sem dúvida uma das que tem assegurado um largo futuro em Angola. A fotografia acima representa o peixe estendido nos secadores.



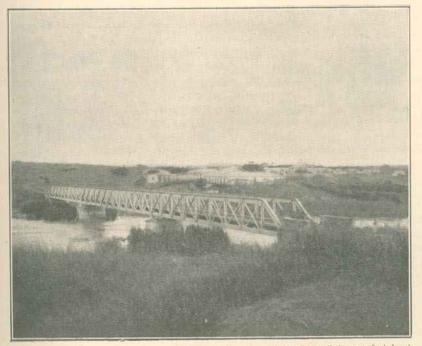
Aniola-Dande. — As pesquizas e exploração de petróleo de que damos um aspecto são actualmente exclusivo, numa grande parte da zona costeira de Angola, duma companhia com grande capital sando a maioria do seu conselho de admitistração composta por portugueses. Para se fazer uma pequena ideia do que é esta exploração basta dizer-se que la estão aberios 2 poços e em perfuração mais 4 e que a máxima profundidade alingida foi de 1.350 metros. Trabalham nestes acriços 700 indigenas e 50 europeus.



Axorta. — Vista geral da mina diamantifera de Gunsouro, tirada do tôpo da armação do plano inclinado. Escusado é salientar o interesse que a provincia de Augola deverá ter no desenvolvimento desta indústria de que alguns dados dirão o que ela ja hoje é. O minero dos que trabalham nas minas é de 3.800 indigenas e 15º duropeus dos quais 52º % são de nacionalidade portuguesa. A produção total desde o inficio das explorações até Novembro último subiti a 691 com quilates. Logo que hajam disponibilidades de trabalhadores indigenas a produção total poderá ir até 200,000 quilates.



Angona-Libono, — Formosissimos exemplares de rosas e uma couvo-flor criadas na região do Libolo.



Angora-Lugara. — A ponte Ramada Curto do C.º de Ferro de Loanda, vendo-se ao fundo a linda povoação de Lucala



Angona-Loanba, — O Palácio da Secretaria das Comunicações que da um aspecto frisante do esfórço português em Angola.



Angola-Loanna. — A ponte que liga a cidade de Loands à ilha du mesmo nome e que facilita enormemente as relações do tôda a ordem que existem entre êsses dois locals.

LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 1)

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2,700,000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

- Silêncio, vizinhas, silêncio! - disse em voz baixa a mais nova de tôdas; - que ela vos não ouça! Não hà ponto naquela letra bordada que ela não tenha sentido picar-lhe o coração.

O carrancudo bedel fêz um gesto com o bastão. - Abri caminho, boa gente, - abri caminho, em nome do Rei!-gritou êle.-Abri caminho; que vos prometo eu que a senhora Prynne vai ser posta onde homens, mulheres e criancas possam ver bem à vontade o seu rico vestido, desde agora até a uma hora depois do meio-dia. Abençoada seja a justiceira colónia do Massachusetts, onde a ruindade tem que se mostrar à luz do sol! Vinde, Madama Hester, mostrar na praça do mercado a vossa letra encarnada!

Imediatamente se abriu um carreiro na multidão dos espectadores. Precedida pelo bedel, e ladeada por um cortejo irregular de homens de sobrecenho carregado e mulheres de má catadura, Hester Prynne avançou para o lugar designado para o seu castigo. Um bando de colegiais espertos e curiosos, pouco entendendo do que se tratava, a não ser que os favorecia com um meio-feriado, corriam adiante, voltando continuamente a cara, a olhar para ela, para a criança que levava ao colo e para a letra vermelha que lhe viam no peito. Não era longe, naquele tempo, da porta da cadeia à praça do mercado. Medido, porêm, o espaço pela experiência da infeliz, parecia jornada de certa extensão; por altivo que fôsse o seu porte, sofria ela, porventura, uma angústia a cada passo dos que se iam juntando para a ver, como se o seu coração tivesse sido atirado à rua para que todos lhe batessem e o espezinhassem. Hā, porêm, em nossa natureza uma condição igualmente admirável e misericordiosa: aquele que sofre não conhece nunca a intensidade do que sente pela tortura do proprio momento, mas principalmente pela dor que depois o há de pungir. Com atitude quási serena atravessou pois Hester Prynne esta parte do seu suplicio, e chegou a uma espécie de cadafalso, na extremidade ocidental da praça do mercado. Ficava quasi por baixo do beiral do telhado da mais antiga igreja de Boston, e parecia estar ali permanentemente.

De feito, êste cadafalso era parte de um maquinismo penal, que, entre nos, ja ha duas ou três gerações, é apenas histórico e tradicional, mas que outrora era tido por meio tão eficaz de promover as virtudes sociais como foi, em França, a guilhotina entre os homens do Terror.

Era, em suma, a plataforma do pelourinho; e homens de não menor categoria que o governaacima dela erguia-se a estrutura daquele instrumento de disciplina, de tal modo engendrado que segurava a cabeça humana em seu apêrto, e assim a expunha aos olhares do público. O próprio ideal da ignominia tinha tomado corpo e se manifestava neste aparelho de madeira e ferro. Não pode haver, creio eu, maior insulto a nossa comum natureza - quaisquer que sejam os delitos individuais - que inibir o culpado de esconder a cara por vergonha; e era a essência deste castigo o inibi-lo. No caso de Hester Prynne, porém, como em outros, que não eram raros, mandava a sentença que ela estivesse certo tempo sôbre a plataforma, mas sem sofrer aquele apêrto do pescoço e prisão da cabeça que era o característico mais satânico do hediondo engenho. Sabendo bem o que lhe cumpria fazer, Hester Prynne subiu uns degraus de madeira e assim ficou exposta à multidão que a cercava, à altura dos ombros de um homem acima da rua.

Se, entre a multidão de puritanos, acaso estivesse um católico, aquela mulher tão bela, tão pitoresca no trajo e porte, e com a criança ao colo, poderia ter-lhe evocado a imagem da Maternidade Divina, que tantos pintores ilustres teem rivalizado em figurar: ter-lhe lembrado, sim, mas só por contraste, aquela sagrada imagem de maternidade sem pecado, que dera o ser a um Menino que havia de remir o mundo. Neste caso, havia a maior mancha de pecado na mais sagrada qualidade da vida humana, produzindo tal efeito, que o mundo estava mais negro pela beleza desta mulher, e mais perdido pelo filho a que ela tinha dado o nascimento.

Não deixava a scena de inspirar respeitoso temor, que sempre há de cercar o espectáculo da culpa e da infâmia de um nosso semelhante, até que a sociedade se torne assaz corrupta para dêle sorrir, em vez de tremer. Os que assistiam à desgraça de Hester Prynne ainda não tinham perdido a simplicidade da alma. Eram bastante severos para encarar a morte dela, se esta fôra a sentença, sem fazer o mais pequeno reparo a tal rigor, mas não tinham nem sombra da descaridade de outro estado social que numa exibição como esta não encontrasse senão motivo de riso. Mesmo quando houvesse disposição para meter o caso a ridículo, teria sido reprimida e dominada pela solene presença de

dor, e vários de seus conselheiros, um juiz, um general e os sacerdotes da cidade, todos os quais estavam, sentados ou de pê, numa varanda da Assemblea, olhando para a plataforma que lhe ficava por baixo. Quando estas personagens podiam formar parte do espectáculo, sem arriscar a majestade ou a reverência proprias da sua qualidade e de seu ministério, seguramente se podia concluir que a execução de uma sentença legal por förça teria uma significação séria e impressiva. Por isso a multidão estava sombria e grave. A infeliz culpada mantinha-se tão bem quanto o poderia fazer uma mulher, sob o pêso de mil olhares impiedosos, todos fitos nela e concentrados no seu seio. Era quasi intoleravel o suplicio. De indole impulsiva e apaixonada, tinha-se ela enchido de fortaleza para receber as venenosas punhaladas do insulto público requintado em tôdas as formas da injúria; mas era tanto mais terrivel esta solene atitude do povo, que antes quisera ela ver tôdas essas faces rigidas deformadas por contorsões de riso escarnento, de que ela fôsse objecto. Se da multidão tivesse saido uma imensa gargalhada -- contribuindo cada homem, cada mulher, cada criança, com sua parte individual -Hester Prynne ter-lhes-ia pago a todos com um sorriso amargo e desdenhoso. Mas sob a tortura, pesada como chumbo, que estava sentenciada a suportar, parecia-lhe, as vezes, que la gritar com tôda a fôrça de seus pulmões, e atirar-se do cadafalso, ou então que ia endoidecer subitamente.

Havia, contudo, intervalos em que tôda a scena, em que ela era o objecto mais visivel. parecia sumir-se-lhe da vista, ou apenas bailar ante ela confusamente, como um amontoado de imagens espectrais, imperfeitamente formadas. Seu espírito, sobretudo a memória, encontrava-se em extraordinaria actividade, evocando constantemente outras scenas que não esta rua tôsca de uma pequena cidade, na orla do deserto ocidental, outras caras que não as que a estavam fitando, sombrias, por baixo das abas daqueles chapéus em chaminé. Lembranças das mais triviais e sem relêvo, casos da infância e da meninice, brinquedos, zangas de criança, e os pequenos pormenores domêsticos da sua vida de solteira, lhe acudiam, de tropel, entremeados de recordações de quanto havia de mais sério em sua ulterior existência; cada

como se todos fôssem de igual importância, ou todos igualmente ilusórios. Seria talvez um recurso instintivo do seu espirito, para se libertar pela exibição destas formas fantasmagóricas, do cruel pêso e dureza da realidade.

Como quer que fosse, a plataforma do pelourinho era um ponto de vista que revelava a Hester Prynne todo o caminho que tinha vindo trilhando desde a sua ditosa infância. De pé naquela triste eminência, tornou a ver a sua



aldeia natal, na Velha Inglaterra, e a casa paterna: uma casa já muito antiga, de pedra escura, com um ar de pobreza, mas que conservava um escudo de armas, já quási gasto, sôbre a entrada, em sinal de antiga fidalguia. Viu o rosto de seu pai, com a fronte resoluta e a venerável barba branca que trasbordava por sôbre a antiquada gola isabeliana; e o da mãe, com o olhar de amor atento e vigilante que sempre tinha na memória e que, mesmo depois da morte dela, tantas vezes levantara o obstáculo de uma carinhosa súplica no caminho da filha. Viu seu próprio rosto, radiante de beleza juvenil e iluminando todo o interior do sombrio espelho em que nessa época de sua vida estava habituada a ver-se. Depois viu outro rosto, o de um homem ja adiantado em anos, um semblante pálido e magro de sábio, com olhos embaciados e obscurecidos pela luz do candeeiro que lhe servira para ler muitos e ponderosos livros. Mas esses mesmos olhos embaciados tinham um poder estranho, penetrante quando era propósito de seu dono ler na alma humana. Esta figura de gabinete e de claustro, como a imaginação feminil de Hester Prynne não deixava de se lembrar, era ligeiramente deformada, com o ombro esquerdo um pouco mais alto que o direito. Logo se ergueu ante ela na galería de estava no cadafalso. Fizera-o, a princípio, sem

tortuosas, suas casas altas e escuras, suas grandes catedrais e edificios públicos, de antiga data e estranha arquitectura, uma cidade do continente; uma vida nova a esperava ali, sempre ligada ao sábio disforme: vida nova, mas que se alimentava de coisas velhas, como um monte de musgo de um muro arruinado. Por fim, em lugar destas scenas sucessivas, voltou a tôsca praça do mercado da colónia puritana, com todos os habitantes juntos a olharem severamente para Hester Prynne - sim, para ela mesma - que estava na plataforma do pelourinho, com uma crianca ao colo, e a letra A, a encarnado, fantasticamente bordada a fio de ouro sôbre o seio!

Poderia ser verdade? Tanto apertou a criança contra o peito que esta deu um grito; baixou os olhos para a letra encarnada e até lhe tocou com o dedo para se certificar de que a criança e o opróbrio eram reais. Sim! - eram estas as suas realidades - tudo mais se tinha desvanecido!

Ш

O RECONHECIMENTO

ESTA consciência intensa de ser o objecto duma observação severa e universal se libertou, por fim, a portadora da letra encarnada ao reparar, na orla da multidão, numa figura que irresistivelmente tomou posse de seus pensamentos. Um indio, no trajo de sua raça, estava ali parado; mas os peles-vermelhas não eram visitantes tão raros das colónias inglêsas que qualquer dêles, e em ocasião semelhante, atraisse a atenção de Hester Prynne, e muito menos, absorvesse essa atenção a ponto de excluir de sua mente todos os outros objectos e ideas. Ao lado do indio, e evidentemente acompanhando-o, estava um branco vestido com uma estranha mistura de trajos civilizados e selvagens.

Era de pequena estatura e tinha o rosto enrugado, aínda que não parecia ser o de um velho. Revelavam notável inteligência as suas feições, como de pessoa que tanto tivesse cultivado a sua parte mental que esta não pudesse deixar de gravar-se na parte fisica e tornar-se manifesta por sinais inegáveis. Se bem que, por um arranjo aparentemente descuidado do seu trajo heterogéneo, se tivesse esforçado por esconder ou atenuar esta peculiaridade, era bastante evidente a Hester Prynne que um dos ombros daquêle homem era mais alto que o outro. Logo no primeiro instante em que deu por aquele rosto magro, e pela ligeira deformação daquela figura, ela tornou a apertar a criança contra o peito, e com fôrca tão convulsiva que a pobrezinha deu outro grito de dor. Mas a mãe nem pareceu dar

Ao entrar na praça do Mercado, e algum tempo antes de Hester Prynne ter reparado nêle, tinha o recem-chegado pôsto os olhos na mulher que

quadro tão vivido como o que o precedera; quadros da memória, com suas ruas estreitas e particular atenção, como pessoa mais acostumada a olhar para dentro, e para quem os objectos exteriores são de pouca monta a não ser que tenham relação com qualquer cousa que haja em seu espirito. Muito breve, porém, o olhar deste homem se tornou agudo e penetrante. Uma contorsão de horror lhe percorren as feições, como cobra que passasse por cima delas, e parasse um momento deixando ver o seu coleante curso. Seu rosto ensombrou-se com alguma profunda comoção, a qual, todavia, tão imediatamente dominou por um esfôrço de vontade, que, excepto naquele único momento, poderia a sua expressão parecer calma. Em breve se tornou a convulsão quâsi inperceptivel, e por fim sumiu-se--lhe no fundo da alma. Ouando encontrou os olhos de Hester Prynne cravados nos seus, e reparou em que ela parecia reconhecê-lo, ergueu o dedo calma e lentamente, fêz com êle um gesto no ar, e por fim pousou-o nos lábios.

> Então, tocando no ombro dum citadino que estava a seu lado, dirigiu-se-lhe, em tom respeitoso e cortês :

- Rogo-vos, bom senhor, que me informeis: - disse êle. - Quem é esta mulher? - e porque está assim exposta ao opróbrio público?
- Sois por certo estranho a cidade, amigo, respondeu o citadino, olhando com curiosidade para o anterrogador e para o seu companheiro selvagena - senão, terieis já ouvido falar da senhora Hester Prynne e do mal que fêz. Levantou um gramde escândalo, eu vo-lo asseguro, na igreja do Santo Mestre Dimmesdale,
- Dizzeis bem respondeu o outro; sou estranho à cidade e tenho andado vagabundo, bem contra minha vontade. Muitos males me teem sucedido no mar e na terra, e largos tempos tenho estado cativo dos gentios das bandas do sul; e agora me traz aqui êste indio, para que me redimam de meu cativeiro. Peço, pois, que me digais, see vos apraz, que culpas são as desta mulher - Hester Prynne creio que lhe chamastes - e que foi que a trouxe àquele cadafalso.
- -De bom grado vo-lo direi, amigo; e por certo vos dará alegria ao coração, depois de terdes tpassado tantos males e terdes andado por terrras de selvagens, disse o citadinoencontrardes-vos por fim numa terra onde a maldadre è descoberta, e punida assim à vista dos governadores e do povo, como aqui se faz na nossza santa Nova Inglaterra. Aquela mulher sabereiss que era casada com um certo sábio, inglês die nascimento mas que desde muito vivia em Amssterdão, donde, há bom tempo já, pensou em sairr e vir juntar o seu destino ao dos que aqui esstamos em Massachusetts. A êste fim, enviou ssua mulher primeiro, demorando-se para tratar ¿de negócios que não podia deixar. Ora, bom seenhor, nos dois anos, ou menos, que esta mulher tem morado aqui em Boston, não teem vindo nnovas dêste sábio senhor Prynne; e sua mulher, assim nova, estais vendo, e assim deixada a sua irreflexão...

(Continúa.)



VIDA SCIENTÍFICA

DESIGNATE DESIGNATE DE LA SERVICIO DEL SERVICIO DE LA SERVICIO DEL SERVICIO DE LA SERVICIO DEL SERVICIO DE



PÉROLAS ESPONTÂNEAS E PÉROLAS CULTIVADAS

las quando souberam que o japonês Mikimoto as obtinha, não fabricando-as êle por qualquer processo, mas levando as próprias ostras a fabrica-las. Atéentão so existiam as colhidas em pescas acidentadas anque, uma

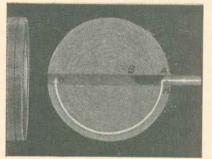


Fig. 1. - Pérola espontânea

ou outra vez, a voracidade de alguns animais marinhos dava trágico desfêcho; e nunca um mergulhador, ao carregar-se de ostras, sabia se trazia uma fortuna comsigo, se sómente uma ilusão. As canceiras e perigos da pesca e a pouca abundância das pérolas entraram, tanto como a sua natural beleza, para o apreço em que são tidas e se manifesta pelo seu elevado custo.

As pérolas obtidas por Mikimoto não podem dizer-se falsas, visto que elas são formadas pelas próprias ostras em torno de um núcleo de nácar perfeitamente esférico que se lhes introduz nos tecidos. A ostra operada vai segregando camadas de matéria perlifera à volta do núcleo, do que resulta uma pérola tão conforme em beleza as pérolas espontâneas, que o mais abalisado joalheiro não consegue distinguir umas das outras.

Mas, se não há distinção aparente, há uma diferença rial, visto que apenas as pérolas cul-

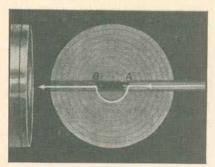


Fig. 2. — Pērola espontânea

tivadas teem núcleo. Sómente, para reconhecer êsse núcleo, era forçoso cortar a pérola em duas metades, isto é, estragar a pérola. O problema ficou, pois, reduzido à seguinte fórmula: encontrar um meio que permitisse sacrificar a ausência de núcleo, mantendo a pérola intacta.

Procurou-se a solução empregando os raios X e a análise espectral, mas o processo é extremamente llaborioso e só acessível a pessoas especializadas. Recentemente, porêm, descobriu-se uma outra que tem tanto de simples como de engenhosa.

A maior parte das pérolas e as mais formosas são furadas para se enfiarem em colares. Pelo canal assim formado introduz-se um minúsculo tubo por onde penetra um feixe luminoso intenso proveniente de uma lâmpada electrica, havendo também, no outro extremo do tubo, um jogo de dois espelhos com inclinação de 45° sôbre o plano horizontal. Vamos ver o caminho que seguem os raios de luz na pérola espontânea, isto é, na pérola sem núcleo.

Quando o tubo explorador penetra na pérola, os raios de luz, reflectidos no primeiro espelho, seguem um trajecto circular, e o canal permanece obscuro. É o que se vê na Fig. t. Mas quando o tubo avança até que os dois espelhos fiquem equidistantes do centro da pérola, como mostra a Fig. 2, os raios luminosos, encontrundo

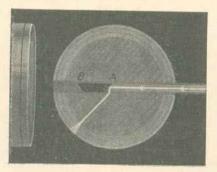


Fig. 3. - Pérola cultivada

osegundo espelho no termo do seu trajecto semicircular, são novamente reflectidos e retomam a direcção horizontal. O canal da pêrola aparece então fortemente iluminado.

Suponhamos que se trata de uma pérola cultivada. É o caso da Fig. 3. Então o canal permanece obscuro, mesmo quando os dois espelhos chegam a posições equidistantes do centro, visto não serem esféricas as camadas do núcleo.

Tanto tem progredido a indústria da fabricação de pérolas falsas, que as pessoas não especializadas dificilmente encontram distinção entre essas imitações e as pérolas verdadeiras. Mas haverá vantagem em descriminar a origem das pérolas, desde que não haja diferenças de aspecto, de brilho e, portanto de valor ornamental? Nós estimamos varias cosas, e entre elas as joias, principalmente pela sua raridade. A águs seria, com justiça, a bebida mais altamente apreciada, se não fôsse tão comum; e amadores há que compram por alto preço livros que só valem porque são raros. As pérolas espontáneas, e só essas, afirmam a considerável soma de trabalhos, despesas e perigos que foi necesário suportar para que fôsse devidamente ornado um colo de mulher. São para com esta um preito de vassalagem.

F. MIRA.

O FABRICO DO CHARUTO E DO CIGARRO

vício do fumo está tão largamente espalhado por todo o mundo que, para o alimentar, se creou a importantis-sima indústria do tabaco. Só na America, por ano, se fabricam sete biliões de charutos e 75 biliões de cigarros, afóra 200 milhões de quilos de tabaco para fumar, mascar e cheirar. Para produzir tais quantidades recorre-se ao fabrico mecânico, pois manualmente seria preciso um numeroso exercito de cigarreiras para conseguir tal produção.

Existem hoje máquinas americanas que fabricam 500 charutos, impecavelmente acabados, por hora, exigindo apenas o auxilio de quatro raparigas. A máquina de fazer charutos é completada por um aparelho selecionador electrico, que faz a escolha dos charutos pela sua côr, separando-os em escuros e claros. Era para admirar, nas grandes fabricas de Guba, a pericia e rapidez com que as cigarreiras, num relance, escolhiam os charutos, separando-os em oito tons diversos. Mais admiravel é porêm a máquina americana, fazendo a separação electro-mecânica dos charutos em trinta gradações, do mais escuro ao mais claro.

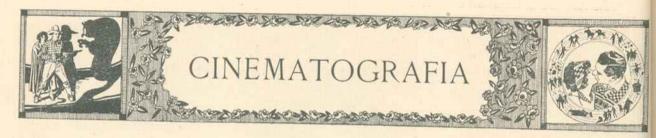
O aparelho tem uma pinça, que agarra um charuto de cada vez e o apresenta à luz duma lampada electrica especial, que reflectindo-se na superficie do charuto vai provocar a emissão de electrões nos terminais dum tubo, semelhante aos dos raios X. A intensidade da corrente electrica produzida, dependendo da quantidade de luz reflectida, tanto menor quanto mais escuro for o charuto, é indicada num ampere-metro, cujo mostrador com 3o divisões, corresponde às gradações da côr dos charutos. Um dispositivo especial electro-mecânico vai deitando os charutos selecionados num dos 3o escaninhos.

A máquina de fazer cigarros é perfeitissima, completamente automatica, não precisando que o operario lhe mexa: o papel da mortalha recebe o tabaco, é enrolado, gomado e cortado depois na medida certa. Com a enorme produção de 500 cigarros por minuto, pode a mesma máquina fazê-los com as pontas de cortiça ou douradas, com a marca impressa no papel, etc.

Jess.



(Cliché João Pavia de Magalhães)



anos, Carlos Laemmle, então um rapazola de 16 anos, desembarcou no caes de Nova York, procedente de Laupheim, uma aldeia do Wurtemberg alemão. Como todos os emigrantes, Carlos Laemmle sonhava e sonhan-

do sempre, trocou os marcos que levava no bolso, pelos quais lhe deram cinco dollares. O seu primeiro emprêgo, foi numa drogaria, em Nova York, donde saiu, passados alguns meses, indo empregar-se em Chicago, nuns armazens, como moço de limpeza. Pouco depois o Oeste longin-



Carlos Lacmmle, universalconhecido compai da cinematografia»

quo tentou-o e foi trabalhar para uma granja, para regressar em breve a Chicago, empregando-se então num adélo. Acariciando o sonho da independência, foi para Oshkosh, onde se estabeleceu num vão de escada vendendo fato feito. O negócio correu-lhe bem e com ideia de o desenvolver, veio a Chicago. Foi então que se per-

им dia vinte de Fevereiro, ha quarenta catou do negócio cinematográfico que acabava de nascer e no dia 24 de Fevereiro de 1906, Carlos Laemmle, quasi sem capital, era emprezario do Teatro bairrista Whitefront, na Avenida Milwankee de Chicago. Depois de meio ano de experiência, decidiu-se a estabelecer o negócio de aluguer de películas e no 1.º de Outubro, tinha os seus escritórios no edificio Crilly de Chicago. Nascera a Laemmle Film Exchange.

Passado um ano, estabelecia 4 sucursais e no ano imediato, mais 8 casas filiais. Em Abril de 1909, fundou a Picture Patents Company que deixou pouco depois para passar a ser o primeiro empresario independente, produzindo as peliculas para o seu negócio, sob o rótulo de Imp. Pro-

ducing Company. Em 20 de Maio de 1912. fundou a Universal Film Manufacturing Corporation, a companhia mais poderosa do mundo. Os seus studios e edificios técni-

cos, constituem a «Universal City» que fica no mapa oficial dos Estados da União Norte-Americana, porque a sua população flutuante, já tem chegado ao milhão de almas, por ocasião das grandes realisações scênicas. A esta actividade deve Carlos Laemmle o ser hoje multimilionário, se bem que tôda ela se deva, no fundo, a inquebrantável energia dessa grande figura que mede

Miguel Strogoff!... Eis um titulo que promete. Quem não se lembra das aventuras proféticamente cinematográficas, do correio



Carol Dempster, apurece-nos aquí em pleno século xvin na produção «América» de D. W. Griffith,

do tzar, que nos contou Julio Verne ai pelos nossos catorze anos?

Pois a realização desta grande obra na cinematografia, vai ser um facto dentro de alguns

V. Tourjansky, o grande enscenador russo, filmou em plena Letónia a gigantesca narrativa e apresenta-a com um elenco de celebri-

A cabeça da distribuição, vemos o grande Ivan Mosjoukine que tem no Miguel Strogoff a melhor das suas grandes criações. Natália Kowanco, finda como sempre, è a perturbante Nadia e M.me Brindeau da Comedie Française tem um trabalho formidavel na máe do valente correio do tzar.



Uma grandiosa scena de «Salammbó», a obra prima de Flaubert, transposta ao cinema por Pierre Marodon



Alla Nazimova na sua criação de «Salomê» de Oscar Wilde



Ramon Novarro e Alice Terry estrêlas da Metro filme «The Arab»



Um gracioso grupo decorativo ol tido per Natacha atambova em «Salomé»



Buster Keaton, em «Sherlock Holmes Junior» para a Metro

Pièrre Benoit, o grande novelista francês, é presentemente o autor mais adaptado ao écran. Ainda não estão esquecidos os êxitos de «L'Atlantide» e «Koenigsmark» e já se exibem com clamoroso exito «La Chaussée des Géants» edição de Aubert com Armand Tallier e June Helbing e «Le puits de Jacob» das Produções Markus com Leon Mathot e Betty Blythe, anunciando-se para breve «Le berceau des Dieux» também dirigido por Markus, com 35 vedetas francesas entre elas Signoret, Mathot, Sandra Milovanoff, Musidora, France Dhélia, Charles Vanel e Napierkowska, bem como c produção de Marcel Silver «Ronde de Nutiscom Raquel Meller e Léon Bary, Pierre Benoit tem recebido uma média de quatrocentos mil francos por adaptação.



Conrad Veidt, «az» alemão um dos grandes cinicos do écran



Na grande produção de Mack Senneth «A Small town Idol» topam-se grupos amoresos como êste, Ela é a linda Marie Prêvost e éle é o lindo Ben Turpin o homem mais..., feio do mando







a maré das colectâneas de artigos salvos da efemeridade dos jornais, o dr. Agos-tinho de Campos publicou há pouco mais um volume da sua apreciada série do Comentário leve da Grande Guerra. Nele, sob o título A carranca da Pa₁, que é uma trouvaille de humorista, ao fixar a arguta anotação que as doutrinas, as figuras e os factos soerguidos das ruinas do tremendo cataclismo the foram

in spirando, quasi dia a dia, o autor da compreensivel realce aos acontecimentos do que êle, ainda no pitoresco de linguagem que é dos mais fieis atributos do seu temperamento, apelida O purgatório russo. Na leitura das saborosas páginas dessegunda



Agostinho de Campos

parte do livro ha ensejo de tomar o pulso as ideas que nesta hora pretendem estabelecer o canone governativo de todos os povos e que, todavia, a esfinge slava não se apressa a expri-mir com clareza, mantendo o mundo inteiro com a face expectante voltada para ela, na do-lorida atitude de novo Œdipo.

Com leves dias de permeio, o mesmo ilustre homem de letras tirou do prélo o terceiro tomo



Norberto de Arrino

do Camões Lirico, valioso trabalho de colectânea, de comentário e de critica. integrado no magnifico serviço prestado à literatura pătria que é a Antologia Portuguesa. Escolhida a sua matéria com acêrto estético modelar, dando a cada com-posição ou trecho a companhia

da respectiva nota interpretativa e incitando-nos a amar Camões na faceta lírica do seu génio, tão fúl-gida como a faceta épica, mas até agora pouco menos que desconhecida, êste volume, obediente ao critério que já se tornou louvável nos ante-riores, conclui a série das deliciosas redondilhas e abrange também, a completa-lo, autos e cartas e, por último, em apêndice, uma formos escartas e, por último, em apêndice, uma formos escartas esta en cartas esta en cartas esta en cartas en cartas esta en cartas esta en cartas en carta en de redondilhas em espanhol, lingua em que outrora os nossos vates com tanta frequência estadeavam o seu estro. Com justiça insiste o dr. Agostinho de Gampos, logo na nota

preambular, na beleza da composição intitulada Sóbolos ríos que vão, joia que na poesia camo-neana aparece com reginal saliencia. Explineana aparece com reginal saliencia. Expli-cando as suas obscuras passagens, numa ana-lise de frase por frase, a critica do dr. Agostinho de Campos faculta-nos a posse de todo o seu sentido, auto-biográfico como poucos dos poemas do grande poeta da acção que, segundo aqui vemos, não foi menor poeta do sentimento. Norberto de Araujo entregou-nos agora a sua obra de maior folego até a data: Novela do Amor Humilde: Impregnada de ternura pela gente pobre, o que nos recordou aquela perem-

Amor Humilde. Impregnada de ternura pela gente pobre, o que nos recordou aquela peremptória sentença de Léon Bloy, «tout livre où il n'est pas parlé du pawre, où on ne tient pas compte du pawre, est un livre à cracher dessus», encontra-se nas suas páginas uma interessante galeria de quadros da vida trabalhadora da nossa capital, com o seu sublime e com o seu grotesco, ligados por um delicado enrêdo, onde perpassa uma corrente de fluido românonde perpassa uma corrente de fluido românonde. seu grotesco, ligados por um delicado enrêdo, onde perpassa uma corrente de fluido romântico. As suas figuras femininas alcançaram o melhor do carinho do autor, cuja pena sofre a tentação, a cada momento, de lhes nimbar as frontes duma auréola santificadora. Dando asas a sua sensibilidade e levando o leitor na esteira do seu vão pelos bairros da Lisboa velha, onde os humildes amam e sonham e sofrem e mortem. Norherto de Aranjo erqueu um livro que rem. Norherto de Aranjo erqueu um livro que rem, Norberto de Araujo ergueu um livro que lhe há-de, especialmente, garantir a simpatia das mulheres, cuja alma instintivamente elege aqueles livros que sabem falar à sua comoção e que podem orvalhar de lágrimas os seus olhos. Pareceu-nos, porém, que o nervoso cronista que reside em Norberto de Araujo algumas vezes no decurso destas páginas usurpou, em de-trimento do novelista, o comando da sua técnica, donde, aliás, não resultou senão mais um toque de originalidade no seu recente livro, bem digno de admiração.

de admiração.

Duma pléiade de escritores de ontem que um passageiro e mal-avisado fastio do público irradiara da sua estima, Ramalho Ortigão regressa ao lugar cimeiro que lhe compete na nossa prosa. Com As Farpas, que andavam nas garras aduncas dos alfarrabistas, estão neste momento aparecendo alguns dos seus livros menos divulgados e também outros formados de escritos inéditos e esparsos. Ingratidão seria re-cusar apláuso a esta iniciativa, de que faz parte o pequeno tomo das Histórias cór de rosa,

do ciclo juvenil do escritor.

A ressurreição do Teatro Ginásio, no mesmo local em que o fogo devorara o velho edificio, enobrecido de tradições artisticas das mais perduráveis, foi excelente pretexto para a delicia duráveis, foi excelente pretexto para a delicia de lermos, em cuidada plaqueta, uns sessenta alexandrinos, recortados no ouro mais dúctil da poesta, dêsse poeta de fino estro que é João Sapoesta, desse poeta de fino estro que é João Sa-raíva, em cuja inspiração o lirismo e a satira disputam primazias. Máscaras ê o titulo dêsse apropósito, ligeiro triptico em verso em que o Bóbo, Columbina e Ifigênia definem com encan-tadora precisão a farsa, a comédia e o drama. As cinco famosas cartas que Sóror Mariana Alenforado, fraira de um cassented.

Alcoforado, freira de um convento de Beja, es-creveu a Noël Bouton, marquês de Chamilly, homem de espirito volúvel que não soube cor-responder ao seu exaltado amor, obtiveram recentemente uma das suas mais luxuosas edições. centemente uma das suas mais uxuosas etuções. Na fórma em que Luciano Gordeiro vazou ésses cinco formidaveis gritos de alma e com um bom prefácio de Gustavo de Matos Sequeira, o que sóbre-modo valorisa esta nova estampa das célebres cartas é a colecção das primorosas ilustrações com que Alberto Sousa a enrique-ceu. Obra de arte, no sentido exacto do termo, com a bablicida con que a la haba sem imediate. qual o bibliófilo que ouse olhá-lo sem imediatamente o chamar para o aconchego da sua es-

A Colina Sagrada é o livro novo de Manuel Ribeiro, que com êle enceta outra trilogia, esta le aberta campanha tradicionalista. É a renovação mental das novas gerações que o preocupa e, para tornar concreto o seu objectivo, foi colocar o enrêdo do romance no pitoresco e vetusto burgo coimbrão, desde tempos longos fanal de cultura. O espirito dos personagens que entre todos, manifestamente, lhe são mais



Manuel Ribeiro

afectos, in tegra-se na corrente. hoje em tamanha voga, do néotomismo do numa suave historia de amor, em que hi uma linda figura de mulher, Maria Clara, a análise da reversão das inteligên-cias, sôbre-tudo no meio académico e apos odesfecho da guerra,

Manuel Ribeiro rompe decididamente com ideologia revolucionária que inflamou o seu pas-sado. Esta franca apostasia é um dos aspectos do seu livro que mais ferem a atenção da cri-tica, devendo esta não omitir também que Manuel Ribeiro neste livro se afirma muito mais romancista do que em qualquer dos que formaram a anterior trilogia, doadora do seu renome. A acção é mais viva e a linguagem, mais maleavel, já

não sofre a tirania dum aparato de erudição artística e litúrgica, ta-manho por vezes que, sob êle, o fio do entrêcho se sentia es-

magado. Mário Beirão, poeta que é um dos melhores interpretes dos mos do nosso povo, viu agora reedi-tado O último luziada, o seu livro



Mario Belrão

de estreia. Esta obra consagrara-o, de golpe, E. hoje, ao reler as suas estrofes, dum raro po-der evocativo, isentas de sensualidade, intensamente espírituais, embruxadas do mistêrio das almas e das cousas, compreendemos bem a súbita vitória do seu talento: a sua arte não é uma engenhosa trama de palavras, porque é, antes, uma expressão de misticismo e de beleza.

Os versos de Mario Beirão convencem-nos de

que o estranho poeta os compóe rezando.

CÉSAR DE FRIAS.

LIVROS POSTUMOS

EÇA DE QUEIRÓS

Conclusão do inquérito aberto no nosso n.º anterior, sôbre os seguintes quesitos:

Julga acertada a publicação de obras póstumas, quando os autores assim o não tenham deixado expressamente determinado?

Julga A Capital e O Conde d'Abranhos, os livros já apa-recidos da anunciada série postuma, dignos da alta me-mória que Eça de Queiros deixou da sua arte literária?

Se o autor não determinou o contrário, e se pessoas idôneas não acharem essa obra postuma deprimente para o escritor, porque se não ha-de publicar?

Creio que A Capital e O Conde d'Abranhos, embora na primeira redacção, não são livros indígnos da grande memoria de Eça de Queiros

— e contribuem para o estudo completo do prosador e do romancista.

JULIO BRANDÃO.

A publicação das obras póstumas dum escritor é sempre interessante como documento para o estudo da evolução do seu espírito, da sua cul-tura e dos seus processos literários.

JULIO DANTAS.

Desde que não haja disposição expressa em contrário, entendo que a obra póstuma dum autor notável pertence à publicidade, submetida, é claro, a um critério revelador muito prudente e cauto.

Tanto as duas obras recentemente publicadas, como o que já viera a lume depois da morte de Eça de Queiros, não embaciam nada a reful-gência dêste grande gênio. Estou mesmo em crer que estas publicações postumas vêem dar mais realce ao valor literário de Eça, pela prova documentada que se faz de uma qualidade preciosa que escritores, seus in-timos, atestavam: a faculdade superior de improvizar genialmente pá-ginas e páginas daquela requintada beleza, acabada, perfeita, de que só ele teve entre nos o segrêdo; não implicando, portanto, com esta fluente e forte espontancidade a laboriosa correcção a que, segundo corre, o artista insatisfeito sujeitava as provas tipográficas dos seus livros.

MANUEL RIBEIRO.

Quando se trate dum escritor como Eça de Queirós, deve-se publicar tudo — até os papéis que parecem sem importância. Meia dúzia de linhas revelam-nos as vezes uma alma escondida. Assim está sucedendo agora com um novo Eça, sem o snobismo de Fradique - com um Eça simples, revoltado e maior, falando com desassombro aos seus amigos. Publique-se tudo, e quem quiser que faça uma grande fogueira antes de morrer, para queimar tôda a papelada inútil.

RAUL BRANDAO.

Dizia Balzac que para se realizar uma obra-prima era necessário des-pejar o que se tem dentro de banal e de ordinário. Logo, sob a égide do Mestre da Comédia Flumana, que também é autor do Argon, o Pirata, acho que se deve publicar tudo quanto os altos espíritos produzem, embora eles não munifestem tais desejos.

Só assim se possuirá a figura completa do autor admirado.

No caso presente — Eça de Queirós — revelou-se um escritor espontáneo quando se julgava ter sido ele um torturado, um moroso.

A Capital e O Conde d'Abranhos não são livros maus embora estejam longe da definitiva forma do seu criador. Escritos a correr — e há

quarenta anos — sobrepassam a maioria dos volumes modernos como ironia, como observação e como entrecho. E decois, ainda há de notável a sua aparição, no fundo duma velha mala, como as cartas que geraram a tragêdia da linda Maria Eduarda surgiram na sua caixinha, tão desoladora, nos Maias.

ROCHA MARTINS.

Quanto se refira aos homens que de si deixam memória notável, o hom e o mau, interessa aos curiosos, poderia dizer aos sábios, se o pe-dantismo não houvesse estragado a substanciosa expressão. Importa muito conhecer do que falaram, a quem falaram, o tempo e o lugar,

como procederam, por onde andaram, e muito mais o que escreveram.

Tratando-se do escritor dos Maias, até as suas obras inferiores, como A Capital, mal acabadas, como O Conde de Abranhos, adquirem suma importância porque nos descobrem um pouco o segrêdo admirável da sua técnica, o seu método para chegar à perfeição, baseado no bom-senso

Pois se Deus esteve sete dias em esbôços com as mãos no barro, para acometer a criação do homem, espanto nos causava que Eça de um jacto, ao primeiro impulso, formasse a Juliana, o Palma Cavalão, o

Pacheco.

A publicação iniciada, depois de completa com o mais que se pro-A publicação iniciada, depois de completa com o mais que se promete, aproveita sobremodo aos oficiais do mesmo oficio, aos que começam, servindo-lhes de lição e estimulo. Menos importa ao numeroso leitor, apenas disposto ao manjar de letras, sem curar da receita empregada no fabrico: êsse fará momice por achar uma falha de tempêro, ou diferente apuro, qualquer coisa de estranho, e quando verifirar a identidade do cosinheiro dirá: «Pois iria jurar que não era o mesmo».

Com o desconsolo sofrido por tantos, não perde crédito o artista. Estas vulneráveis obras, por êle rejeitadas, ainda o tornam maior, depois de nos convencermos de que o gênio não é um Huido de curso conti-

nuo, durante as vinte e quatro horas do dia.

SAMUEL MAIA.

É arriscado, em casos dêstes, responder dogmaticamente. Admitamos a hipótese da obra póstuma do escritor ser a sua obra-prima. É mais: que o escritor não fez disposições de última vontade, por impossibilidade ou imprevidência, acêrca do destino dessa obra. Deveremos condena-la, por falta de disposição da última vontade do seu aytor, ao perpétuo si-lêncio ?

Não se me afigura censurável a publicação das obras póstumas do Eça. Não correspondem em beleza e equilibrio as *Ultimas Páginas* ou a *Ilustre Casa de Ramires?* E certo. Mas em nada dimínuem a estaturs a Hustre Casa de Ramires 7 E. certo. Mas em nada diminuem a estaturs do escritor. Antes, quanto a mim, a acrescentam, se as consideramoa através da sua espontaneidade de improvisos. Porque nos revelam o romancista na facilidade criadora do seu génio — acabando com a lenda da sua dificil parturição. E porque nos permite estuda-lo melhor nos seus processos de trabalho — pondo o livro esboçado, o primeiro jacto, em confronto com o livro definitivo, passado pela lima e pelo rebolo da cónia e da revisão. pia e da revisão.

Decisiva conclusão inspiram as respostas com que tão brilhantes e autorizadas penas quiseram honrar o nosso inquérito. Havendo sempre vantagem em trazer a lume o que de inédito se encontre no espólio dos escritores, pelo menos a titulo documental e desde que se rodeie dos maiores cuidados a sua divulgação, — no que respeita aos livros inacabados de Eça de Queirôs sômente louvores são devidos a quem os libertou da obscuridade. Ao murmúrio anónimo das tertúlias e dos cafés onde a intriga urde a sua teia, que chegou neste caso a insinuar a natureza apócrifa dalguns dêsses escritos, opõe-se, no depolmentos que obtivemos, multipla mas unanime sentença, avonde para confundir os zollos e, do mesmo passo, confortar a consciencia dos herdeiros do excelso artista das letras. E, na verdade, agora, que aos volumes que originaram o inquérito, à data os únicos publicados, se adicionaram outros dois, Alves & C.* e Correspondência, — como deixar de agradecer, sobre-tudo por êste último, a resolução de ampliar a bela sêrie das obras do insigne prosador !!

Pudesse, por-ventura, algum dêstes trabalhos— por exemplo, Alves & C.*, que, de facto, nos parece a menos fulgente peça dêsse tesouro inesperado— ser tido na conta de filho espúrio do superior talento que os concebeu,— que, mesmo assim, à suposta desvalia de qualquer déles daria sobéja compensação este volume da Correspondência, repleto de páginas ricas de senso critico, de ironia e de ofectividade, tanto mais de considerar quanto é certo que foram traçadas com mão por inteiro descuidada do publico. Nessas cartas intimas, donde jorra tanta luz sóbre os seus contemporâneos, descobre-se, na moldura duma elocução expressiva e elegante de natural, aquilo que é preciosissimo para o estudo de Eça de Queirós como homem: o seu retrato espíritual. A gentileça e a elevação da sua alma, que possuía essa virtude, cada vez mais rara, da amisade, espelham-se ai de modo encantador e flagrante.

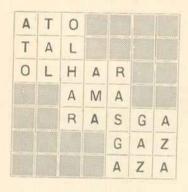
ai de modo encantador e flagrante.

TEM

PALAVRAS CRUZADAS RISCANDO ESTRÊLAS

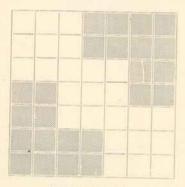
(Solução)

A especialidade deste passatempo é que cada palavra aparece duas vezes e algumas delas teem significações absolutamente diversas. Não tinuos. se dá por isso senão quando o solucionista já vai adiantado na escolha de palavras verosimeis: a colsa depois torna-se fácil.



PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



RRRRR RRRP AAAAA 11000 00000

Definições:

Circulo. - Tirar. - Sinal de alegria. - Constipado. - Zanga. - Reza. - Cambiante. - Conjunção disjuntiva.

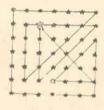
APROPRIADO EPITÁFIO

O canteiro: - E que espécie de inscrição deseja a senhora no túmulo de seu marido? Uns bonitos versos ou qualquer coisa assim?

A viuva: - Nada, não senhor. Detesto essas tolices sentimentais. Quero uma coisa muito simples, por exemplo: "Benevenuto Pereira, de setenta e nove anos. Os bons morrem cêdo».

(Solução)

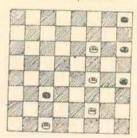
O desenho fala por si proprio. A habilidade pode executar-se em doze traço; rectos e con-



UM PROBLEMA DE DAMAS

Aqui teem um bonito problemasinho de damas que todos os principiantes deverão achar instrutivo e interessante. Não é difícil.

PRETAS - 4 PEDRAS



BRANCAS - 4 PEDRAS São as brancas a jogar e a ganhar.

PODIA MORRER DESCANSADO

- Boas noticias, finalmente! - disse o advogado, entrando na cela do seu cliente condenado à morte. - Um indulto? excla-

-Não; mas sua tia morreu, deixando-lhe seis contos, portanto pode cumprir o seu destino com o sentimento reconfortante de que os nobres esforcos do seu advogado para o salvar

pensa.

ERA APROVEITAR

não ficarão sem recom-

O marido:-Aquele meu novo sócio nunca está satisfeito. Quer tudo quanto

A mulher: - Então, vê là, não te esqueças que temos três filhas casadeiras.



Estão aqui uma neta e uma avó. Vêem-ast

Éle: - Já se sabe, por enquanto é segredo o estarmos para casar.

Ela: - Ah! pois è. É mesmo o que eu digo a tôda a gente.

Éle: - Tenho-me ocupado ultimamente bastante a ler economia política.

Ela:-Acho que tem sido grande perda de tempo. Olha que em política ninguem se ргеосира сот а economia.



- Mamã, já sei o que lhe hei de dar no dia dos seus anos,
- Então o que ê?
 Uma caixa de pó de arroz.
- Mas cu tenho uma, maito bonita, em cristal,
- Essa parti eu, há bocadinho,

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

LIVREIROS EDITORES

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Tele fone: CENTRAL 1084 gramas: LIBERTRAN-LISBOA

Fornecimentos e informações de tôdas as publicações nacionais e estrangeiras

Na volta do correio são enviados todos os livros que lhes sejam pedidos, a cobrar ou mediante a importância acrescida do porte.

SEMPRE GRANDES STOKS DE NOVIDADES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

OS LIVROS ESTRANGEIROS SÃO VENDIDOS AO GÂMBIO DO DIA!

DEPOSITÁRIOS E CORRESPON-DENTES EM TODO O CONTINEN-TE COLONIAS É ESTRANGEIRO.



Preferi Sempre a Escôva de Dentes do Dr. LENIEF por ser

A mais Elegante

A mais prática

A mais higiénica E a mais económica

VENDAS POR GROSSO

Agencia: LACHAUD & C.A-44, Rua dos Fanqueiros, LISBOA

Ribeiro da Costa, Lt.da

TAILLEURS — ROBES - MANTEAUX -

Mostra todos os dias a sua colecção de novos modelos de demie-saison. CASA-COS DE PELES em petit-gris, murmelle, vison, mindel, taupe, etc.

ATELIERS dirigidos por «premières» francesas

AVENIDA DA REPUBLICA, 49 — TELEFONE: N. 3943

Eduardo Martins & C.a L.da

RUA NOVA DO ALMADA, 109 e 115-RUA GARRETT, 1 a 11

TELEFONE: CENTRAL 803

RETROZARIA, ROUPARIA, MODAS E CONFECÇÕES

Variedade colossal de padrões em sedas, crepe marocain, charmeuses, malhas de seda, setins, gabardines, veludos e todos os tecidos próprios para os mais distintos figurinos.

RECENTES MODELOS PARISIENSES

Exposição das ultimas criações da moda





Fotografia Americana

Atelier SERRA RIBEIRO

GALERIA DE LUZ ELECTRICA RUA DO LORETO, 61, 1.º

LISBOA

TELEFONE: TRINDADE 219

LUZ NATURAL

TRABALHOS ARTISTICOS em todos os generos, em tom, preto, sepia ou sanguineo



A OPINIÃO MEDICA

e O Urodonal é não só o dissolvente mais energico do acido urico que se conhece na actualidade, já que tem 37 vezes mais forca que a lithina, senão que a mais obra preventiamente sobre a formação d'aquelle acido, ao oppor-se a que se produza com exageração e se accumule nos tecidos peri articulares e nas junturas.

D. P. SUARD.

Ex-Professor aggregado as Escolas de Medicina
Naval. agrigo medico dos Hospitaes.

· Mandei fazer analyses comparativas antes do tratamento e depois, por um pharmaceutico do meu hospital, e me constam assim os bons effeitos do Urodonal, s

D' JORY,

Medico Chefe do Hospital Militar de Sfax

Os arthriticos devem fazer cada mez ou depois de excessos de meza, a cura de Urodonal que, ao chupar o acido urico, o resguarda contra os ataques de gotta, de rheumatismo ou de colicas nephriticas. Tão logo como a urina torna-se avermelhada ou contem area, é mister recorrer sem tardar ao Urodonal.

URODONA

porque o URODONAL dissolve o ACIDO URICO

ESTABELECIMENTOS CHATELAIN, 2 bis, rue de Valenciennes, Paris.

A.VINCENT, LDA - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL ECOLONIAS Rus IVENS, 56-TEL. 1858. C.



Vidago, Pedras Salgadas, Melgaço e Sabroso

AGUAS ALCALINAS. CARBO-GASOSAS

Sociedade VIDAGO, MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS

-PORTO--RUA DA CANCELA VELHA, 29

DEPOSITO EM LISBOA: AVENIDA DA LIBERDADE, 116

- TELEFONE: NORTE 3298 -



DE ARQUITECTURA DECORAÇÃO

JOSÉOlAÍO& (FILHO) Mobilias Carpettes CONFORTAVEIS GEMERO MAPLE R. Atalaia 36-40 TELEF. C. 3082



POMPADOUR

Esta série de perfumarias constitue o : : nosso orgulho de fabricantes : :

TOMÁS MENDONÇA & FILHOS, L.DA



PERFUMARIA MENDONÇA

Telefone: Trindade 105

CALÇADA DO COMBRO, 47—LISBOA